

IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE A DEFICIÊNCIA

experiências e partilhas

Sônia Caldas Pessoa



IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE A DEFICIÊNCIA

experiências e partilhas

Sônia Caldas Pessoa

1ª edição
2018



PPGCOM • UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Alessandro Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Orestes Diniz Neto

Vice-Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Carlos Magno Camargos Mendonça

Sub-Coordenadora: Geane Alzamora

SELO EDITORIAL PPGCOM

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Bruno Guimarães Martins

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elisabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar

Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901

Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P475i Pessoa, Sônia Caldas.
Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência:
experiências e partilhas / Sônia Caldas Pessoa. – Belo
Horizonte (MG): PPGCOM, 2018.
120 p. : 16 x 23 cm

Inclui Bibliografia.
ISBN: 978-85-54944-05-6

1. Análise do discurso. 2. Comunicação social. 3.
Deficientes. I.Título.

CDD - 401.41

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM UFMG, 2018.

PROJETO GRÁFICO

Bruno Menezes A. Guimarães
Bruno Guimarães Martins

DIAGRAMAÇÃO

Bruno Menezes A. Guimarães

CAPA

Olívia Binotto
Ana Cláudia Maiolini

A Pedro, inspiração sem limites em todas as dimensões

A Márcio, incentivo e apoio

Aos meus pais, gratidão

Aos diferentes, aprendizado de vida.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO	11
1. EXPERIÊNCIAS COM A DEFICIÊNCIA: ENTRE AFETOS E PARTILHAS	15
2. BRICOLAGEM: ABORDAGENS ETNOGRÁFICAS, ANÁLISE DO DISCURSO E COMUNICAÇÃO	29
3. ESTEREÓTIPOS	63
4. EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	113

▮ Agradecimentos

A REALIZAÇÃO da pesquisa de doutorado, que deu origem à tese “Estética da diferença: contribuições ao estudo da deficiência e das redes sociais digitais como dispositivos de *mise en scène* e, depois a este livro, foi possível graças à bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o estágio doutoral (doutorado sanduíche) no Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communication (Ceditec) na Université Paris-Est Créteil– França.

Agradeço à professora Ida Lucia Machado, minha orientadora, pela gentileza e sabedoria e por me permitir seguir caminhos diferenciados em busca dos sonhos e dos projetos de pesquisa e ao professor Dominique Ducard por ter acreditado no nosso projeto e ter nos recebido com tamanha generosidade na França.

Meu obrigado à professora Emília Mendes, do Poslin, pelo incentivo e apoio ao projeto, à Mariana Ramalho Procópio e à Graziela Andrade e à

Graziela Mello Vianna, pelas dicas preciosas sobre doutorado sanduíche em Paris, e às minhas colegas Allana, Gerlice, Tânia e Lorena, que me brindaram com a companhia jovial e sempre divertida.

Agradeço ao Centro de Convergência de Novas Mídias (CCNM), ao Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas (NucCon) do Departamento de Comunicação Social da UFMG, em especial às professoras Joana Ziller e Regina Helena Alves Silva pela oportunidade de participar de discussões relevantes para a pesquisa.

Meu muito obrigada aos companheiros do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades, que embarcaram comigo nesta longa e desafiadora jornada em 2017 para a criação do grupo e o aprofundamento para o desenvolvimento de metodologias nas quais a participação das pessoas com deficiência (PcDs) é fundamental. Agradecimento especial às professoras Ângela Salgueiro Marques e Camila Alves Mantovani pela parceria de trabalho e de afetos.

Agradeço ao Selo PPGCOM pela oportunidade de publicar este trabalho.

Meu agradecimento especial a todos os usuários de redes sociais digitais¹ (RSDs) que contribuíram com a pesquisa e aos colaboradores e leitores do blogue² Tudo Bem Ser Diferente.

Por último e não menos importante um obrigado, de coração, aos meus pais, que sempre incentivaram as nossas incursões pelos estudos, ao Márcio, companheiro de muitas viagens profissionais e afetivas, e ao Pedro, presente, luz e vida.

1. Preferimos o termo redes sociais digitais a outros, sendo uma tradução de “réseaux sociaux numériques”, sintagma utilizado por Marie-Anne Paveau em seu dicionário sobre o tecnodiscurso disponível em <http://technodiscours.hypotheses.org/category/dictionnaire-dadn>.

2. Preferimos a grafia blogue, dicionarizada em português, à grafia blog, do inglês.

■ Prefácio

PARTO DO PRINCÍPIO, seguindo Bakhtin, que em todos os livros há muitas vozes que falam mas, por vezes, os leitores nem percebem tal polifonia e só veem a voz do autor. No entanto, há outros livros que nos deixam ouvir, com clareza, outras vozes, além daquela que o redigiu: vozes que a vida silenciou mas que continuam a existir e que se fazem ver por meio das emoções, vozes tímidas que, de repente, se tornam audaciosas. Assim é o presente livro que tenho a honra de agora prefaciá-lo. Nele a vida/voz de sua escritora, Sônia Caldas Pessoa e a vida/voz de seu filho Pedro atravessam as páginas e nos sussurram baixinho e carinhosamente segredos que vale a pena ouvir com atenção.

Trata-se de qual tipo de livro? Como poderíamos defini-lo? Como uma narrativa de vida? Como um ensaio que mostra como utilizar dados das teorias etnográfica e de análise do discurso? É difícil dizer! Prefiro pois encará-lo como um livro múltiplo e rico em sua harmoniosa diversidade.

Melhor explicando. É um ensaio teórico, que fala das emoções no discurso e mostra como é possível escrever e pesquisar sobre elas. Mas, é preciso deixar claro que tudo isso foi feito não escondendo a tão necessária

subjetividade da autora/pesquisadora que, com sua voz doce e calma nos conta e nos ensina muitas coisas. Coisas simples mas que nem todos sabem fazer: como amar incondicionalmente um filho que nasceu com uma deficiência, como lutar por ele e, a partir daí como lutar por outros, por toda uma multidão de “diferentes” que uma sociedade composta por pessoas insensíveis, pode olhar apenas com curiosidade, se não o faz com certa hostilidade.

Lembro que o presente livro é resultado de uma tese da qual fui a orientadora. Se não disse isso nos momentos da supervisão da escrita e depois na defesa, agora, diante desse livro, pronto para ser publicado, posso dizê-lo. Não foi fácil para mim escutar/saber da história de Pedro e das lutas - que nem sei se eram lutas, pois chegavam a mim de forma tão sorridente e ensolarada! - que sua mãe travava por ele ou que os dois travavam juntos. Ainda vejo Pedro com seus luminosos olhos de criança que sabe enxergar além das aparências me fixando, como se eu fosse alguém muito importante, já que era “a” professora de sua mãe. Confesso que sentia-me intimidada diante daquela criança que parecia ter a profunda sensibilidade de me compreender e gostar de mim, tal como eu era. Embora participando do trabalho da tese que Sônia, sempre autônoma e talentosa estava construindo, eu mesma me indagava se tal pesquisa daria certo, pois ela era imbuída de emoções que, a meu ver, deviam ser mais ou menos “domadas” para que as teorias que professávamos, eu como professora de análise do discurso e Sônia como jornalista falassem mais alto. Que ilusão! Pois como já disse Damásio, neurologista que escreve sobre as emoções e a criatividade, em seu livro *L'erreur de Descartes*, o sistema de raciocínio do ser humano evoluiu porque é uma extensão do sistema emocional automático; logo, a emoção assume papéis diversos nos procedimentos que certos homens de ciência, tais como Descartes, acreditaram erroneamente, serem próprios apenas da razão durante um largo período. Razão e sentimentos não se separam, mas se completam.

O fato é que minha ex-orientanda sabia disso e mais que isso, já via isso nas entrelinhas dos escritos de um linguista como Patrick Charaudeau, que afirma que o *corpus* de um determinado pesquisador é suscetível de se deslocar do local - aparentemente árido da análise interpretativa - para fazer parte, para formar e permitir uma nova leitura de uma parte importante da teoria.

Como o leitor pode ver, aprendi muito com Sônia no seu processo de construção de tese. Vi que, no âmbito de certas pesquisas como a sua, a narrativa de vida do indivíduo que escreve precisa ser exposta: ela carrega a emoção que vai, por sua vez, imprimir o devido movimento às “rodinhas” do pensamento que comandam um raciocínio científico.

Escritos de alunos por mim orientandos sempre me tocam e me emocionam. Mas uns mais que outros: esse foi o caso de Sônia, que em sua insistência para mesclar sua experiência de vida à teoria analítico-discursiva que pratico, sem o saber, deu-me também mais forças para que eu mesma me libertasse de certas amarras vindas de conceitos linguísticos, por demais duros, que me impunham silêncio, prudência e certa frieza para pesquisar sobre a vida de outros seres de escrita. Os mestres sempre aprendem com os alunos. É por isso que lembro aqui que o verbo “ensinar” em francês é *apprendre* do latim *aprendere*: ora, *apprendre* na língua francesa significa (como no latim que o originou) tanto *ensinar* como *aprender*. Vejo pois o ato de orientar alguém em sua pesquisa como uma troca entre parceiros. E algumas dessas trocas nos marcam para sempre.

Sônia conseguiu compor uma tese linda, na qual pode falar sobre sua vida e sua experiência como mãe e amiga de Pedro e, mais que isso, sobre a vida de outros seres que cruzavam o seu caminho: aqueles que, por vezes (e ela sentia isso na pele!) recebiam olhares curiosos do “outro” ou daquele ser social que só concebia o mundo como um lugar para pessoas vindas do mesmo molde, de um padrão de “perfeição” absurdo, mas, recomendado pela “boa” sociedade em que vivemos.

Aliás, o livro que se originou dessa tese alerta-nos contra os estereótipos e estigmas de certas coletividades, que etiquetam seres humanos com algum tipo de deficiência de uma forma não-positiva. Ao contrário disso, no livro, estamos diante de um trabalho delicado, sensível e, ao mesmo tempo, *transgressivo* (no bom sentido da palavra), que nos mostra porque o pesquisador em Ciências da Linguagem e também em Ciências Humanas, deve escrever não só para satisfazer o ego inflado de instituições sociais cristalizadas: ele deve ousar e fazer adaptações das teorias com que trabalha ao seu *corpus*, e, até mesmo, criar a partir delas novas ideias, traçar novos caminhos.

A análise do discurso Semiolinguística de Patrick Charaudeau foi assim amoldada pela autora/pesquisadora que deu a ela utilizações que a eno-

breceram. A pesquisa etnográfica que tão bem combina com tal teoria foi utilizada com saber e graça por Sônia, ao trabalhar com um *corpus* tão sensível como aquele com o qual trabalhou.

Ela não precisou recorrer à sabedoria dos Clássicos para estudar a emoção desse *corpus*: enveredou por outras trilhas, bem inovadoras e que devem/podem constituir um exemplo para outros pesquisadores que buscam trabalhar com as emoções no discurso e que não querem se enveredar por caminhos (válidos mas, não únicos) que levem aos estudos retórico-argumentativos. O que fez então essa pesquisadora das emoções no discurso?

Mistério! Deixemos que o leitor encontre a resposta ao ler o livro: ele vai descobrir o caminho que Sônia traçou para construir esse belo percurso que, como dissemos, enriquece a análise do discurso e, mais que isso, visa contribuir para a ampliação do conhecimento e da compreensão das redes sociais digitais que trabalham justamente para divulgar um fenômeno – o da diferença que não deve ser vista como uma diferença – cada vez mais frequente no mundo.

O livro que aqui, com muita emoção, tentamos prefaciá-lo é um livro imbuído de um forte papel político que pode ajudar a mudar ideias conservadoras e estagnadas que alguns insistem em manter sobre as pessoas com alguma deficiência, ideias que já não podem mais existir no momento atual. Nesse nosso estranho e tão passageiro mundo, há pessoas e pessoas e todas são dignas de respeito e amor: este é um grito que sobe dessas páginas e nos atinge no peito ao mesmo tempo que nos conforta e ensina, enquanto leitores e habitantes desse planeta, pois é um grito de esperança e amor. E de sabedoria.

IDA LUCIA MACHADO

CAPÍTULO 1

Experiências com a deficiência: entre afetos e partilhas

ENTREI CORRENDO NO QUARTO para ver o meu pai que passara os últimos meses internado em um hospital em Brasília com múltiplas fraturas na perna após ter pulado em um rio para salvar uma vaca que estava presa e morreria afogada. A vaca foi salva. A perna do meu pai esfacelou-se ao colidir com uma pedra enorme. Tinha sido estranho ficar tantos meses sem vê-lo. Paracatu, uma cidade do noroeste de Minas, fica a pouco mais de 200 quilômetros de Brasília e não tinha hospitais capacitados para atender o caso dele. Mas estranhamento mesmo eu tive quando o vi engessado até a cintura, imóvel na cama. Rapidamente tentei desfazer a cara de espanto, de tristeza, de sem graça, de medo.

Tinha 7 anos e todos os movimentos audaciosos que eu havia aprendido e dos quais me orgulhava porque nenhum irmão conseguia fazer igual me foram ensinados por ele: subir nas árvores, pular muros, saltar em rios, dar salto mortal, galopar no cavalo, correr atrás das galinhas e dos irmãos... a melhor ideia que me ocorreu foi tornar-me útil a ele. Eu podia ser o movimento do meu pai, pensei logo. E assim foi: nos meses

seguintes, eu emprestava os meus dedos pequenos para coçar os dedos dos pés dentro gesso; eu corria para buscar água, a comida e o cigarro; eu me desdobrava para alcançar cada objeto que ele não conseguia. Meu pai usou cadeiras de rodas, muletas e bengalas. Permaneceu manco com uma perna menor do que a outra depois deste acidente. Se a minha memória não falha, a primeira vez que o vi se declarar como pessoa com deficiência foi há uns dois anos, do alto dos seus quase 80 anos de idade, ao comprar uma passagem de ônibus no terminal rodoviário de Belo Horizonte.

Quase 30 anos depois deste acidente com o meu pai, meu filho ainda bebê, diagnosticado com um tumor cerebral e hidrocefalia, tinha a musculatura frágil, a chamada hipotonia. E o cérebro não reconhecia alguns movimentos, a menos que houvesse a repetição e a imitação por incontáveis vezes. Era preciso fazer junto, colar um corpo no outro. E juntos, nos arrastamos pelo chão, engatinhamos, sentamos, levantamos, caímos, aprendemos a andar, a correr, a nos mover. Às vezes o cérebro tinha lapsos, esquecia como fazer... recomencávamos tudo de novo. Foi assim durante anos, como se parte do meu corpo, emprestado ao corpo do meu filho, fosse também o movimento dele, ou a inspiração do movimento, ou o ensinamento ou o aprendizado do movimento. Ou tudo isso junto. Talvez nada disso, porque essa é a minha sensação. Não sei se era a dele. É o modo como fui afetada por estes movimentos que não eram meus, mas tampouco não eram só do outro. Falarei um pouco mais sobre esse tema em Narrativas epistemológicas e de vida.

Neste percurso, de mãe de criança com deficiência, de blogueira sobre o tema em www.tudobemserdiferente.com, que idealizei para compartilhar minhas experiências com o Pedro, caminhei para uma tese sobre o discurso das pessoas com deficiências em redes sociais. Não tinha leituras sobre os Afetos, mas tinha certeza que precisava tratar pelo menos das emoções no meu texto. E tinha certeza que as pessoas com deficiência precisavam estar em pelo menos parte da tese, aquela que chamei de colaborativa, em que elas próprias escreveram e fotografaram os seus imaginários sobre a própria deficiência. Era uma tentativa mínima de respeitar o lema das pessoas com deficiência: Nada sobre nós, sem nós.

Em 2017, as professoras Camila Alves Mantovani, Regiane Lucas Garcêz e eu fundamos o Afetos: Grupo de pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Mobilidade (www.afetos.com), um movimento de engajamento

acadêmico e político, certamente. Mas um movimento também para que a presença das pessoas com deficiência seja voz, rosto e corpo, nas nossas pesquisas. Não desejamos apenas sujeitos a serem pesquisados, recortados em seus ambientes e analisados. Desejamos que nos ajudem a construir pensamentos, que nos sacudam, que tragam visadas que nos provoquem.

Desejamos que a sociedade, que é majoritariamente formada por pessoas sem deficiência, perceba que cerca de quase 46 milhões de brasileiros, ou 24% da população, que têm deficiência merecem um olhar acolhedor em seus deslocamentos, têm direito à liberdade, autonomia e felicidade. É preciso que a hospitalidade e o acolhimento estejam em nossas ações ordinárias, cotidianas, mas também em mundos pensados para o outro, que é estranho a nós, por ser diferente de nós e por ter corpos que escapam às dimensões estetizadas e idealizadas para transitar sem barreiras. Por isso, nós, como pesquisadores, entendemos que o reconhecimento e o assumir de uma dimensão afetiva na pesquisa, fazem diferença para o tipo de pesquisa que acreditamos dar conta de problemáticas tão desafiadoras.

CORPUS SENSÍVEL E EMOÇÕES

Uma inquietação metodológica, que se tornou um dos nossos grandes desafios, foi decisiva para as escolhas da investigação que deram origem à minha tese de doutorado: a ideia de constituir uma rede que reúna a teoria, a análise dos dados e a atividade de usuária das redes sociais digitais (RSDs), com perfil destinado à discussão da educação inclusiva para pessoas com deficiência (PcDs), permitindo que essas redes, entrelaçadas, em permanente tensão, nos apontassem pistas para compreender, evidenciar e refletir as relações entre os imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência, seus entrelaçamentos com essas redes sociais digitais e as relações entre preconceito e respeito às pessoas com deficiência.

A coleta de dados, recortando-os, em seus fragmentos, do ambiente digital para posterior análise do discurso, parecia-nos não dar conta de uma investigação. A Análise do Discurso, associada a outras disciplinas, nos apontou os fios que, em constantes relações subjetivas e objetivas, de proximidade e de distanciamento, de afirmação e de negação, poderiam nos conduzir à compreensão dessa complexa *rede discursiva* que se revelava na

medida em que a nossa investigação era costurada e, contraditoriamente, se desmaterializava nas sucessivas observações nas RSDs.

Por isso, incursionamos por uma pesquisa que deu origem a este e-book, com a seguinte divisão. No Capítulo 1, abordamos as nossas experiências com a deficiência, e partilhamos afetos e inquietações de pesquisa a partir de reflexões sobre *corpus sensível* e emoções. Incluímos aqui trechos de nossas narrativas epistemológicas e de vida. No Capítulo 2, tratamos de bricolagem metodológica e abordagens etnográficas para o desenvolvimento deste trabalho. Partimos do modelo social da deficiência e imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência para pensarmos sobre efeitos de sentido, conquistas sociais, leis e convenções que refletem parte destes imaginários. O leitor encontrará um material de pesquisa por nós elaborado como uma incursão panorâmica sobre as representações das PcDs em alguns períodos importantes da história da humanidade. Nosso objetivo foi o de compreender como alguns imaginários, encontrados nos dias atuais nas RSDs, tiveram origem em tempos longínquos e ainda estão presentes no discurso contemporâneo. Entendemos que os imaginários são fundamentais para desvelar as relações que se estabelecem entre respeito, preconceito e modos de visibilizar e invisibilizar as pessoas com deficiência na sociedade.

Consta deste mapeamento um breve resumo sobre palavras e sintagmas dicionarizados e usados em leis e convenções sobre as PcDs e que, a nosso ver, contribuem para que possamos entender a constituição de algumas encenações que têm lugar nas RSDs. O Capítulo 3 discute estereótipos e estigmas e o capítulo 4 apresenta a etapa colaborativa da investigação com as experiências de pessoas com deficiência fotografadas e escritas especialmente para esta pesquisa. A nossa intenção é que o leitor encontre a reflexão teórica acompanhada de exemplos do conjunto de elementos que compõem a nossa investigação.

Antes de explicarmos as noções e conceitos, que ancoram esse trabalho, abordaremos a relação entre *corpus* e problemática, fundamental para a nossa escolha teórico-metodológica. Charaudeau (2012, p.1) afirma Diga-me qual é teu *corpus* que eu te direi qual é a sua problemática (2012, p.1), do original, “Dis-moi quel est ton *corpus*, je te dirai quelle est ta problématique”. Alerta-nos, assim, para a importância da constituição

do *corpus* e de que maneira essa escolha vai se referir não só às perguntas da investigação, mas a própria busca das hipóteses para desvendar fatos e ideias a elas relacionadas.

Aceitando a trilha proposta por Charaudeau, em uma perspectiva de abertura de possibilidades para o tratamento do *corpus*, assumimos também que esse movimento nos guia em direção a uma abordagem heurística na qual, para nós, o *corpus* se desloca do lugar objeto de análise e passa, simultaneamente, a integrar uma parcela significativa da teoria. *Corpus* e teoria trilham, na nossa pesquisa, um caminho conjunto, rompendo possíveis fronteiras estanques, com espaços reservados e preservados entre si e também com interfaces que colaboram para o jogo epistêmico.

Nesse sentido consideramos que a nossa pesquisa se insere em um campo epistêmico que chamamos aqui de *transgressivo*, em uma acepção análoga à de Machado (2013a), para quem o fenômeno da transgressão é percebido como uma *porta aberta* para que o pesquisador promova mudanças e, por que não dizer, ouse fazer adaptações e até mesmo criar a partir de teorias já existentes.

Pretendemos, além disso, avançar em relação ao diálogo com o próprio universo da linguagem sobre a deficiência, proporcionando a participação de alguns dos sujeitos envolvidos na circulação de conteúdos sobre a temática nas RSDs. Esclarecemos que nossa ideia não se caracteriza como um estudo de recepção; trata-se de uma iniciativa que visa dar voz ao *corpus*, que se constitui como dispositivo na própria investigação.

Em nossa pesquisa visamos unir três fios rebeldes que a permeiam. O primeiro deles diz respeito à emoção do pesquisador; o segundo é constituído pelo tratamento do *corpus sensível* e está relacionado ao primeiro, mas, tal como ele, possui vida própria; e o terceiro envolve a metodologia de pesquisa propriamente dita.

A nossa relação pessoal com a deficiência poderia se apresentar como uma dificuldade para o desenvolvimento do projeto. Se por um lado criamos o blogue www.tudobemserdiferente.com sobre a temática e temos uma situação familiar que a envolve, por outro, somos questionados, em algumas oportunidades, sobre a legitimidade que nos motiva a tratar o tema sem que sejamos, nós mesmos, uma pessoa com deficiência. A ambiguidade dessa situação nos levou ao ateliê *Les émotions du.de la*

chercheur.se. Partages et traitements pluridisciplinaires entre subjectivité et réflexivité, ou em tradução livre nossa, As emoções e os tratamentos pluridisciplinares entre subjetividade e reflexividade. O ateliê, realizado no dia 28.03.2014, na Universidade Paris 13, foi coordenado pela professora desta universidade, Marie-Anne Paveau.

Pedimos licença ao leitor para fazer um relato da nossa participação nesse ateliê e refletir sobre a emoção e a sua importância metodológica de tratá-la na apresentação desta pesquisa. Pesquisadores de universidades francesas se reuniram para apresentar as suas próprias vivências tanto com o tratamento de um *corpus sensible* contendo as emoções que estão permanentemente presentes no trabalho científico e que são, na maioria das vezes, negligenciadas no momento da publicação das análises e dos resultados.

O posicionamento científico que se constrói respeitando as emoções e os valores do pesquisador nos apresenta questões importantes que extrapolam o envolvimento do profissional com determinada causa ou temática. A preocupação diz de uma iniciativa que permite ao pesquisador assumir o seu *lugar de fala* que, a nosso ver, é bem maior do que a sua titulação, o seu cargo ou a sua filiação teórica. Isso significa dizer que seria permitido, assim, revelar o instrumental epistemológico, e publicar a sua consciência de um *désir* ou de um desejo epistemológico bem como de suas emoções vistas através de um crivo científico. Em uma perspectiva mais ampla, tal iniciativa admitiria um diálogo consigo abrindo a possibilidade do pesquisador se desvelar ao leitor, em uma atitude ética, aproximando o esforço acadêmico da vida pessoal e coletiva.

É necessário esclarecer que essa opção epistemológica não deve ser concebida como uma *camisa de força*, que impõe ao pesquisador a reflexão pública de tais pressupostos. Trata-se de uma escolha relacionada às suas próprias inquietações científicas e aos valores que norteiam sua pesquisa. Poderíamos considerá-la um *gesto teórico*, que não depreciaria a avaliação científica do trabalho nem afetaria a credibilidade do profissional.

Esclarecemos ainda que não nos referimos aqui à emoção associada à linguagem (Kerbrat-Orecchioni, 2000) ou à construção retórica das emoções (Plantin, 1999). Ao nos distanciarmos da análise discursiva da emoção no texto acadêmico, nos associamos à perspectiva da presença da

emoção como elemento de um instrumental teórico-metodológico aceito, discutido e assumido pelo pesquisador.

Para ilustrarmos melhor essa ideia recortamos exemplos discutidos no ateliê mencionado sobre as emoções e as subjetividades do pesquisador. O historiador Ivan Jablonka, da Université Paris 13, autor de “Histoire des grands-parents que je n’ai pas eus”¹, fez um alerta em sua apresentação que pode ser ampliado aos demais pesquisadores da Historiografia e por que não das Ciências da Linguagem e Comunicação Social. A partir da sua experiência em escrever a história dos avós mortos durante a Segunda Guerra Mundial, se questiona se o fato da filiação biológica ser ou não “prejudicial” à investigação realizada a partir da Historiografia ou ainda se a escolha da filiação teórica isenta o pesquisador da subjetividade inerente ao ser humano. Tais questionamentos parecem-nos pertinentes e nos suscitaram algumas indagações, tal como a de se perguntar em que medida o pesquisador pode assumir a subjetividade e a individualidade. Jablonka acredita que ao mudar a escala sobre as exigências de distância e de reflexividade que se impõem sobre o pesquisador é possível evidenciar as *virtudes epistemológicas* da subjetividade e da emoção.

No caso citado, o foco da emoção está necessariamente ligado à história de vida do pesquisador. Mas em outras situações, pode estar relacionado ao próprio objeto de pesquisa e a trajetória pessoal pode ser percebida, ainda que sutilmente, na obra do referido autor. Muitos seriam os elementos componentes das narrativas de vida ou narrativas de si, sintagma usado por Machado² desde 2009 para designar o ato de contar uma história, em ocasiões formais e informais, que desencadeia no sujeito a necessidade do uso de estratégias de captação além de certas habilidades para garantir uma cumplicidade com os sujeitos destinatários.

Concordamos com Machado (2013), que realiza, pelo CNPQ, a pesquisa *Percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos*, sobre a

1. Texto de apresentação do livro de Ivan Jablonka sobre os avós mortos na II Guerra Mundial <http://www.histoire.presse.fr/actualite/portraits/ivan-jablonka-fils-d-orphelin-01-03-2012-43591>.

2. Sobre narrativa de vida ver Machado (2013): https://cadis_letras.catalao.ufg.br/up/595/o/Ida_L%C3%BACia_Machado.pdf

relação próxima entre os dois. A autora, em uma atitude que consideramos corajosa e atípica no ambiente acadêmico, conta parte de sua trajetória profissional e o caminho trilhado para a sua filiação teórica à narrativa de vida. “Vida íntima e vida profissional se entrecruzam sempre, por mais discretos que sejamos, sobretudo, em relação à primeira”, sintetiza Machado (2013, p.04) ao postular que essa relação seria percebida nas entrelinhas e poderia estar na base da criação teórica.

Retomando a singularidade do *corpus*, destacamos ainda algumas reflexões do ateliê *Les émotions du.de la chercheur.se. Partages et traitements pluridisciplinaires entre subjectivité et réflexivité*. No âmbito dos estudos realizados notamos que um conjunto de materiais de pesquisa, como o do nosso *corpus*, é capaz de despertar sentimentos diversos em função dos sujeitos que o compõem, da fragilidade ou vulnerabilidade social, da dificuldade para a obtenção de dados, dos dilemas éticos e das reações institucionais que possam vir a surgir, entre outros. Tomamos emprestado do pesquisador François Perea, da Université Montpellier III, membro do ateliê, que pesquisa linguagem e clínica do alcoolismo e linguagem e pornografia, o sintagma *corpus sensível* para o conjunto de materiais que aqui analisaremos.

Poderíamos considerar ainda *corpus sensível* a pesquisa realizada por Catherine Ruchon, também integrante do ateliê, sobre o discurso médico reportado por pais que perderam os filhos. Convivendo com o luto e em um momento de dor extrema, os pais contaram a terceiros como receberam a notícia da morte dos filhos por meio dos médicos. Outro exemplo seria a investigação desenvolvida por Marie-Anne Paveau sobre o discurso dos estupradores reportado por vítimas de estupro em RSDs. As vítimas descreveram em cartazes as falas dos estupradores, momentos antes da violação dos seus corpos, durante o estupro e após a sua consumação.

Ao discutir as subjetividades e as emoções do pesquisador, durante o ateliê aqui abordado, Paveau explicou que não tem relação pessoal direta com o tema estupro e, abrindo a sua vida pessoal, em um momento de *narrativa de vida oral*, revelou que não era uma vítima de estupro, e se interessava pelo tema como pesquisadora, sentindo-se extremamente tocada pelo objeto de pesquisa. Ela ponderou que trabalhar com um *corpus* como esse requer um esforço de reconhecimento e de gestão das emoções, que são intensas e variadas.

Aceitamos a proposição de Paveau, que considera importante que o pesquisador não só assuma as emoções relacionadas à sua pesquisa e a relação entre o objeto e a trajetória de vida, como também reflita sobre suas possíveis inquietações. Parece-nos relevante mencionar que a nossa pesquisa sobre a deficiência nas RSDs também foi tema de debate durante o ateliê realizado em 28 de março de 2014, no qual tivemos a oportunidade de fazer uma breve exposição e ouvir a opinião dos pesquisadores presentes. No ateliê, houve uma recomendação, que nos pareceu consensual, para a elaboração da tese que originou esse e-book a fim de identificarmos e nomearmos as emoções durante a realização deste projeto de pesquisa.

Tentar entender a complexidade do discurso sobre a deficiência nas RSDs não significa que faremos uma denúncia sobre essa temática. Significa, a nosso ver, com base em Charaudeau (2013a), revelar a sua substância e o seu funcionamento a partir de uma investigação científica, com compromisso ético com as afirmações aqui feitas. Após essa breve incursão sobre as emoções e o engajamento do pesquisador, especialmente quando relacionadas a *corpus sensível*, como consideramos ser o nosso, sentimo-nos mais à vontade para mostrar o nosso *gesto epistemológico*.

NARRATIVAS EPISTEMOLÓGICAS E DE VIDA

Tendo em vista as considerações precedentes pedimos licença, uma vez mais, para fazer uma incursão sobre a nossa trajetória pessoal; sem o desvelamento da qual deixaríamos lacunas para o leitor. Em 2006, aos quatro meses de idade, nosso filho Pedro foi diagnosticado com hidrocefalia³, o que acarretou, naquele momento, uma série de consequências para a sua condição de vida.

Já antecipamos as nossas desculpas por expor essa breve narrativa de vida pessoal em uma investigação científica e, entendendo que essa decisão não é comum à maioria dos pesquisadores, esperamos que o leitor compreenda a relação entre a nossa vida privada e a presente pesquisa.

3. Definição do Dicionário Aurélio (2003): “Condição caracterizada por acúmulo anormal, no crânio de líquido cefalorraquiano, com dilatação de ventrículos cerebrais, aumento da cabeça, proeminência da fronte, atrofia encefálica, deficiência mental e convulsões”.

Pelas razões expostas, conhecemos uma infância em unidades de saúde e de reabilitação: crianças que passam a maior parte do tempo em ambientes terapêuticos. E, nesse cenário, entramos em contato com a diferença do nosso próprio filho e dos filhos de outras famílias. Conhecemos um mundo em que, por muitas vezes, os sujeitos *falam* por meio da sua deficiência, por opção ou por imposição de uma situação frágil ou extrema.

Percebemos, assim, que a diferença não diz respeito somente à deficiência grave e facilmente perceptível. A nosso ver, tratam-se de relações sociais mais complexas, estabelecidas em situações de vulnerabilidade da saúde, da condição de permanência, da conquista de direitos, enfim, do lugar social. A tentativa de compreensão dessas relações e da sua circulação social nos levou a criar, em março de 2012, o blogue *Tudo Bem Ser Diferente* e perfis em RSDs⁴.

As conexões e as relações que se estabeleceram nas RSDs a partir daí, entretanto, nos levaram a um universo da diferença constituído em torno da troca de informações e de experiências, manifestações, campanhas e dúvidas. Em outras palavras, esse universo se faz pela convivência com “diferentes” de “todas as diferenças”, que usam as RSDs para disseminar ideias e trabalhar contra o preconceito. A nossa observação do *diferente* foi ampliada: das crianças para os adultos, da deficiência para a homossexualidade, das limitações para o racismo. Um mundo ilimitado de *diferentes* e de *redes discursivas* nas RSDs.

Com base na afirmação de Mendes (2004, p.63), sentimo-nos mais à vontade para descrever parte do percurso ou o *caminho sinuoso*, como denomina a autora, que acredita que tal iniciativa pode trazer contribuições para a compreensão da temática. No primeiro semestre de 2013, em uma reunião do *Núcleo de Estudos sobre Transgressões, Imagens e Imaginários* (NETII), na Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), oficializamos a decisão de deixar em segundo plano, pelo menos temporariamente, uma pesquisa sobre o discurso radiofônico para nos dedicarmos à investigação paralela que estávamos realizando: o *discurso da diferença* nas RSDs. Com o apoio da nossa orientadora, a

4. www.tudobemserdiferente.com, www.Facebook.com/tudobemserdiferente e [@TudoBemSerDifer](https://twitter.com/TudoBemSerDifer) no *Twitter*.

quem aproveitamos para agradecer pela compreensão e pela sensibilidade, ocorria ali, simbolicamente, o nosso afastamento temporário da temática do rádio, com a qual nos relacionamos por 20 anos, tanto no trabalho nas redações de emissoras quanto nas aulas em cursos de Comunicação Social e no mestrado, em direção a uma imersão nas *temáticas da diferença*, sob a ótica dos estudos do discurso.

Pedro acompanhou todas as etapas do doutorado, desde o processo seletivo até a defesa. Esteve presente na entrega do exame de qualificação, no estágio doutoral em Paris, na entrega dos originais encadernados para a defesa da tese. Dividiu comigo momentos de leitura e de escrita; preferia usar fones de ouvido para assistir filmes e brincar no *tablet* para que pudesse ficar no mesmo ambiente que eu. Gostava de olhar a tela do computador e acompanhar as imagens selecionadas do *corpus*.

Pedro teve um mal súbito e morreu, em meus braços, em janeiro de 2016, meses antes de completar dez anos. Parecia ser o fim de um grande projeto de afeto, de amor, de luta, de vida conjunta. Havia sido empossada há um mês no concurso público para professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cheguei ao fundo do poço e muitas vezes tenho dificuldades de me lembrar e de entender como me levantava, me arrumava, ia trabalhar, entrava em sala de aula. Era como se tivesse sido ligado um grande “piloto automático”, que me possibilitava realizar determinadas atividades. Outras tantas foram deixadas de lado.

Movida pelos pensamentos e inspirada pela energia do Pedro, decidi retomar o projeto de publicar parte da minha tese. Não é um processo fácil. Escrever é terapêutico, mas provoca muitas dores, nos faz olhar ainda mais para o nosso interior e provoca muitas lágrimas. Para poucas frases, muitas vezes é necessário um grande investimento. Mas dizem por aí, que viver não é fácil; viver sem o único filho talvez seja um desafio diário sem limites por toda a vida. Muitas pessoas nos perguntam diariamente: mas até hoje ainda há dor? Amor e dor, companheiros inseparáveis no longo caminho da vida. E vida é movimento...

Independentemente da nossa relação pessoal com a *deficiência*, devemos lembrar que se trata de uma temática socialmente relevante e que ainda não alcançou *status* em alguns campos de pesquisa e instituições, tais como os estudos do discurso e de comunicação.

Esse foi um dos motivos que nos levaram à criação, em 2017, do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades, em parceria com outros colegas do Departamento de Comunicação Social da UFMG. É um movimento em direção a uma pesquisa mais hospitaleira e mais afetuosa.

Para situarmos a importância social da deficiência gostaríamos de lembrar que, de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 10% da população mundial, ou cerca de 650 milhões de pessoas, vivem com uma deficiência. Mais do que uma estatística,⁵ esse número constitui a maior comunidade ou minoria do planeta. Cerca de 80% dessas pessoas vivem em países pobres ou em desenvolvimento. Os direitos e a dignidade das PcDs foram reunidos, entre vários documentos, na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, tendo sido adotado em 2006 o seu Protocolo Facultativo, em vigor desde 3 de maio de 2008.

A declaração se tornou um marco, segundo avaliação da UN Enable, entidade que reúne o Secretariado da Convenção, responsável por defender os direitos e a dignidade das pessoas com deficiência, por apresentar uma mudança de paradigma. A PcD estaria alcançando uma posição social diferente da que lhe é comumente atribuída, ou seja, ela se centraria não mais sobre “objetos de caridade”, mas sim sobre “pessoas com direitos”. Assim, a PcD seria capaz de tomar decisões e reivindicar direitos, reconhecendo-se a sua condição de membro ativo da sociedade.

Feitos esses registros que sustentam a nossa narrativa de vida e o nosso *gesto epistemológico*, acreditamos que descortinamos para o leitor *o território-lugar-do-meu-pensamento, lugar no qual vou me construir ou uma máscara colocada convencionalmente sobre o rosto do eu* (Charaudeau, 2008, p.16).

Acreditamos que a pesquisa em pauta possa ajudar, em certa medida, a evidenciar a importância das RSDs na compreensão das interações sociais que extrapolam a esfera privada, um fenômeno cada vez mais frequente na sociedade. Talvez seja também possível que ela venha a oferecer uma contribuição para a ampliação do conhecimento teórico sobre as RSDs

5. Dados disponíveis em <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-com-deficiencia/> acesso em 09.06.2014.

face ao discurso da diferença, que se encontra em estágio incipiente na comunidade acadêmica brasileira. Pensando com Santos & Lorent (2012), acreditamos que a universidade tem um papel político importante e constitui um cenário que permite problematizar e discutir a diferença em suas ações afirmativas ou por meio de projetos de pesquisa.

CAPÍTULO 2

Bricolagem: abordagens etnográficas, análise do discurso e comunicação

POR VEZES os fios que tecem essa investigação sobre *corpus sensível* se entrelaçaram a outros, apresentando-nos um emaranhado de possibilidades e obrigando-nos a reconhecer alguns limites. Por outro lado, permitiram-nos avançar em direção a outros conceitos. Como o *bricoleur intelectual* de Lévi-Strauss (1989, p.32), mas sem fazer comparações com o cientista como o fez o pensador, foi preciso estabelecer um diálogo com cada objeto que se apresentava em nosso percurso, quase como a interrogá-lo e em outros momentos a observá-lo e a ouvi-lo de forma a permitir que revelasse a sua singularidade ou até mesmo a sua excentricidade.

Muitas peças de um enorme instrumental se tornaram dispensáveis, entre os ditos e os não ditos por elas próprias, nesse tempo e nesse espaço de pesquisa, e foram cuidadosamente armazenadas para outro momento; afinal, o *bricoleur* não dispensa pequenos *tesouros* que encontra pelo caminho. Ele costuma reservá-los para ocasiões futuras em que terão serventia.

Uma suposta rebeldia, que nos aliou à bricolagem, descortinou para nós um universo que extrapolou a mera oposição para se revelar, em sua

qualidade, como resistência para seguir em busca de experiências discursivas nativas em ambientes digitais ainda pouco exploradas por linguistas franceses e brasileiros. Sendo assim, o próprio *corpus* e a nossa problemática apontaram para a necessidade de escolha de uma abordagem que permitiria a *interdisciplinaridade focalizada* (Charaudeau, 2010, 2012) nos estudos do discurso e da comunicação.

Se o *bricoleur* é capaz de realizar tarefas diversificadas, bem sabe ele que ser metucioso e disciplinado é quase regra em um trabalho que exige de suas mãos a costura dos elementos e de sua mente a seleção e a análise do material. Por isso, os detalhes de uma escolha desataram os nós na *rede* de relações concretas e virtuais de cada um desses elementos. Compartilhamos com Levi-Strauss (1989, p.35) a ideia de que a *bricolagem* não esgota o saber de todos os elementos de um *corpus*. Permite, no entanto, que o *corpus* fale por si e também dê pistas a esse artesão intelectual, o que não garante resultados previsíveis. A nosso ver, a auto-permissão da bricolagem abre, pelo contrário, caminhos inesperados, nos quais podem surgir imprevistos que atingem resultados surpreendentes.

Entre os objetivos desta investigação está o de compreender os imaginários sociodiscursivos projetados pelas próprias PcDs sobre a deficiência. Para tal decidimos trabalhar com pesquisa de inspiração etnográfica em RSDs.

O alerta de Barats, Leblanc & Fiala (2013) sobre a importância da adaptação de procedimentos metodológicos estáveis para a análise de dados na Internet é coincidente com a nossa preocupação e nos convida a seguir a proposta de reflexão para o desenvolvimento do nosso próprio conjunto de métodos. Parece-nos difícil descartar as abordagens quantitativas que pretendem reunir as postagens mais populares ou que provocaram grande repercussão dentro e fora das RSDs.

Os aplicativos para a coleta de dados¹ são convidativos e dão ao pesquisador a ideia, pelo menos inicial, de ter conseguido reunir uma parte de um todo, de ter abraçado um número significativo de informações que

1. *Navicrowler*, *Linkfluence*, *Cronologue*, *Prospero*, *Calico*, *TXM*, *Iramuteq* são alguns dos softwares analisados por BARATS, C., LEBLANC, J-M., & FIALA, P. *Approaches textométriques du web: corpus et outils*. In: BARATS, C. (org). *Manuel d'Analyse du Web*. Paris: Armand Colin, 2013.

lhe darão uma dimensão aproximada do que se passa em determinadas conexões. E esses aplicativos são realmente importantes para o mapeamento de relações, proximidade de interações e identificação de influência nas RSDs, entre outros propósitos, conforme lista disponibilizada pelo professor Deen Freelon, da *School of Communication at American University*, Washington, DC².

São igualmente importantes e muito utilizados os motores de busca gratuitos, sendo o mais conhecido o *Google*, de onde podem ser extraídos dados que dificilmente seriam armazenados em outros bancos de informações. Contudo, não podemos desprezar a lógica política e econômica de disponibilização de dados pelos motores de busca e as estratégias utilizadas para garantir que as páginas na Internet sigam as condições necessárias para nestas buscas aparecer³.

É do próprio *Google* a explicação sobre os milhares ou milhões de páginas que, em tese, apresentam informações úteis para determinada pesquisa. Por meio dos algoritmos, ou por meio de um conjunto de processos e fórmulas capazes de transformar virtualmente a pergunta que o usuário faz em resposta supostamente adequada, os motores de busca tentam ‘advinhar’ o que o usuário quer. Entre as pistas utilizadas pelos algoritmos estão os termos em *websites*, a atualização do conteúdo, a região do usuário e o *PageRank* ou *ranking* de páginas mais consultadas.

Muitas vezes a busca por uma temática ou por uma pessoa aponta para um perfil ou página em uma rede social. Mas, além dos aplicativos para coletas específicas e dos motores de busca, cada rede social tem um mecanismo de busca diferenciado em sua própria estrutura⁴. Os resultados, a nosso ver, ainda não são tão eficazes quanto os do *Google*, mas servem de parâmetro para localização de alguns perfis que interessam à pesquisa.

2. <http://dfreelon.org/external-resources/>

3. O próprio *Google* disponibiliza um guia de otimização para motores de busca em <https://static.googleusercontent.com/media/www.google.com/pt-BR//intl/pt-PT/webmasters/docs/guia-otimizacao-para-motores-de-busca-PTpt.pdf>

4. <http://www.scup.com/pt/blog/entenda-a-logica-de-busca-nas-principais-midias-sociais>

Os chamados motores de busca em massa na Internet trazem ao pesquisador o desafio de lidar com postagens populares ou que foram mais consultadas. Podem, no entanto, distanciá-lo de uma identificação por menorizada de posturas discursivas de pessoas comuns ou anônimas, que usam as redes para garantir a representatividade de uma causa, como é o caso da nossa pesquisa.

Entre os fatores que nos afastaram dessa perspectiva quantitativa e nos aproximaram de um olhar de inspiração etnográfica, inerente ao próprio escopo de pesquisa da Análise do Discurso Semiolinguística, está a articulação de dois pontos sensíveis apontados por Barats, Leblanc & Fiala (2013). Preferimos considerar a Internet como um recurso ativo e uma ferramenta estruturada e breve, por onde circulam dados paradoxalmente efêmeros e duradouros. Assim, a Internet, onde estão baseados *sites* de RSDs, não é considerada em nossa pesquisa uma mera fonte de dados de onde se coleta um *corpus*.

Gostaríamos de registrar ainda que, a despeito da controvérsia que se configura em um universo amplo como a Internet, a coleta manual e detalhada resguarda o pesquisador do uso de ferramentas que permitem reunir dados em larga escala a partir da instalação de aplicativos em seus próprios perfis ou naqueles criados para a pesquisa. As restrições das redes na Internet provocaram registros de bloqueios de perfis do *Facebook* e do *Orkut*⁵ que usaram esse tipo de recurso para coleta de dados (Pessoa, 2014).

Abordagens etnográficas em ambientes digitais são possíveis diante da complexidade da Internet? Com Jouet & Caroff (2013, p.148), lembramos que, em princípio, permitiriam estudos descritivos e analíticos correndo o risco de parecerem reduzidas diante da riqueza de informações coletadas.

5. Nota da Wikipedia sobre o Orkut: “O *Orkut* foi uma rede social filiada ao *Google*, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do *Google*. O alvo inicial do orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários foram do Brasil e da Índia. No Brasil a rede social teve mais de 30 milhões de usuários, mas foi ultrapassada pelo líder mundial, o *Facebook*. Na Índia também foi a segunda rede social mais visitada. A sede do Orkut era na Califórnia até agosto de 2008, quando o *Google* anunciou que o Orkut seria operado no Brasil pelo *Google* Brasil devido à grande quantidade de usuários brasileiros e ao crescimento dos assuntos legais” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>).

A etnografia clássica permite ao pesquisador o acesso a uma série de dados, tornando o campo de pesquisa na Internet mais restrito, já que não seria possível identificar e comprovar todos os dados disponibilizados nos perfis nas redes sociais. No entanto, Kozinets (2010, p.42) reforça a nossa proposta de *bricolagem metodológica*, já discutida, ao afirmar que a etnografia *on-line* apresenta uma dimensão *bricoleur* que desafia a criatividade e a imaginação do pesquisador ao descartar ferramentas que apontam para uma análise estatística, privilegiando a escolha de ferramentas intelectuais.

O estudo de inspiração etnográfica nos traz a possibilidade de mergulhar em questões relacionadas à nossa pesquisa que ainda não estão elucidadas e que colaboram para a compreensão da problemática específica do presente trabalho. Por meio dela, o pesquisador apreende um pouco mais do universo digital pesquisado e dos processos nele contidos.

Ao percorrer a ideia de uma tese que tenta ser colaborativa em diversos aspectos e dar voz às PcDs, acreditamos respeitar, em certa medida, o lema utilizado na luta pelos seus direitos, qual seja, “nada sem nós para nós”. Tentamos realizar uma pesquisa que interesse além dos muros da universidade e do saber científico e que se distancie do limbo entre duas “realidades” que costumam ser bem distintas:

“As “realidades” que estudam os cientistas sociais nem sempre coincidem com essas realidades da “vida social” que vivem os homens. As ciências constroem seus objetos de estudo, e os pesquisadores elaboram suas argumentações e suas certezas por meio da teoria, da linguagem e da prática pontual da investigação em suas disciplinas. (VIZER, 2011, P.27).

COLETA DE DADOS

Passamos a descrever agora os procedimentos para coleta de dados. A primeira etapa constitui a coleta genérica de dados com levantamento em motores de busca gratuitos, especialmente o *Google*, e nas RSDs (*Blogues*, *Twitter* e *Facebook*). Procuramos palavras dicionarizadas relacionadas à deficiência com o objetivo de verificar a ocorrência desses termos nas RSDs. De certa maneira, tentamos perceber como esses termos estão associados

aos imaginários sociodiscursivos e às encenações sobre a deficiência na sociedade contemporânea. Em uma busca no *Google* por ‘pessoa com deficiência’ apareceram “5.580.000 resultados (0,55 segundos)”, o que evidentemente extrapola a possibilidade de um trabalho no escopo da Análise do Discurso Semiociológica. Foram adotados vários filtros (figura 1) na pesquisa:



Figura 1: Filtros de pesquisa para coleta de dados
Elaborada pela autora

Escolhemos os resultados que apareceram entre as primeiras dez páginas da pesquisa, conforme exemplo da figura 1, que é meramente ilustrativa do ponto de vista dos cruzamentos de palavras usados para a pesquisa. A consulta genérica contribuiu para a seleção dos blogues e seus perfis no *Twitter* e no *Facebook*, que vão compor a segunda etapa da investigação. E também para que fizéssemos o cruzamento de dados de alguns perfis de pessoas famosas ou de notícias sobre as PcDs, que tiveram ampla repercussão e que foram compartilhadas pelas redes por nós observadas.

A segunda etapa da pesquisa é composta por levantamento e observação, a partir de abordagens etnográficas de pesquisa, de perfis que falam sobre a deficiência com o objetivo de desmistificá-la e de defender a cidadania das PcDs. Para a seleção dos perfis partimos de consultas informais com PcDs e da nossa própria investigação na coleta genérica de dados descrita na Etapa 1.

A observação exemplifica as redes formadas pelos perfis bem como nos auxilia na compreensão dos imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência a partir da Teoria Semiológica. Foram escolhidos os espaços que se apresentam como blogs em seus perfis, independentemente de usarem uma hospedagem em plataforma gratuita ou um domínio próprio. A nossa observação foi realizada com base na adaptação de critérios sugeridos por Jouet & Le Caroff (2013, p.150), com ênfase na relação social desses perfis e nas ferramentas de compartilhamento utilizadas para viabilizar a circulação de conteúdo sobre a deficiência – uma observação das conexões entre humanos e não humanos.

Criamos ainda uma página com configuração fechada e inacessível a outras pessoas no *Facebook* para observação em oito RSDs. A circulação do discurso nos perfis observados pode ser resumida a partir da figura a seguir que nos mostra: 1) a origem das postagens: qual o ponto inicial da rede: *blogue*, *Facebook* ou *Twitter*; 2) a autoria das postagens: se foram produzidas pelas próprias redes ou se foram compartilhadas de terceiros; e 3) as modalidades de circulação: compartilhamento interpessoal, relacionamento entre as RSDs, compartilhadas a partir de cada uma das redes.

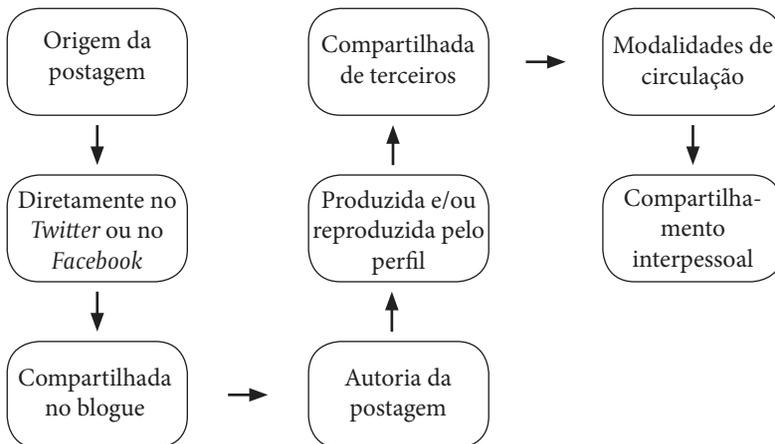


Figura 2: Circulação de conteúdo entre as redes de um mesmo perfil
Elaborada pela autora

Seguindo com a descrição da pesquisa, com o quadro 1, adiante, no qual relacionamos as RSDs por nós observadas na pesquisa, os endereços dos perfis, um breve resumo para que o leitor possa conhecer a proposta de cada uma delas e um comentário sobre as postagens compartilhadas no blogue e reproduzidas no *Facebook* e no *Twitter*.

Esclarecemos que as redes foram acompanhadas entre janeiro de 2013 e janeiro de 2015 e selecionadas a partir das próprias conexões que uma postagem gerava por seus compartilhamentos e comentários. No esquema que elaboramos (Quadro 1), registramos a média de postagens publicadas, o que configura essas redes como ativas, ou seja, com atualizações constantes.

REDES	RESUMO SOBRE A ATIVIDADE DAS RSDs	SEMELHANÇA POSTAGEM NAS RSDs
<ul style="list-style-type: none"> • www.inclusaodiferente.net • www.facebook.com/pages/Inclusão-Diferente • www.twitter.com/espaco-diferente 	<p><i>Aborda todos os tipos de deficiência. A maioria é assinada pelo editor do blog, mas há várias escritas por outros autores e/ou reproduzidas de outras mídias.</i></p>	<p><i>Publica uma média de duas a três postagens por mês. As postagens das RSDs são todas coincidentes, feitas de maneira automática a partir do blogue.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • www.deficientealerta.blogspot.com.br/ • www.facebook.com/deficientealerta 	<p><i>Aborda todos os tipos de deficiência. Várias pessoas escrevem no blogue e reproduz textos de outras fontes.</i></p>	<p><i>O mês com menor movimento teve uma postagem e o de maior teve 18 postagens. As postagens das RSDs são todas coincidentes, feitas de maneira automática a partir do blogue.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • www.deficientefisico.com • www.facebook.com/deficientefisico • www.twitter.com/_the_best_ 	<p><i>Aborda todos os tipos de deficiência. A maior parte das postagens é escrita pelo editor do blogue, mas há reprodução de conteúdo de outras fontes.</i></p>	<p><i>Não há uma periodicidade definida podendo ocorrer até quatro postagens em um mesmo dia. As RSDs publicam o mesmo conteúdo.</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • www.deficienteciente.com.br • www.facebook.com/pages/Deficiente-Ciente • www.twitter.com/deficientecient 	<p><i>Aborda todos os tipos de deficiência. A maior parte dos textos é assinada pela administradora ou reproduz matérias de outros autores e outras fontes.</i></p>	<p><i>Em alguns meses as postagens são diárias ou até duas por dia. As RSDs publicam conteúdos diferenciados.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • http://lagartavirapupa.com.br/ • https://www.facebook.com/lagartavirapupa • https://twitter.com/lagartavirapupa 	<p><i>Aborda a vida cotidiana de um garoto autista, sua família, seu animal de estimação e o autismo. Postagens redigidas pela administradora. Raramente ela reproduz uma postagem de outra blogueira, especialmente de língua inglesa, com tradução feita por ela. Há uma postagem redigida como se fosse o filho dela.</i></p>	<p><i>Publicação mínima de uma postagem mensal e máxima de seis postagens mensais. A maioria das postagens é feita em conjunto entre as três RSDs, mas há publicação de fotos independentes no Facebook e em outra rede que não consta da pesquisa, o Instagram.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • http://nossavidacomalice.wordpress.com/ • www.facebook.com/NossaVidaComAlice • www.twitter.com/carolrivello 	<p><i>Aborda a vida cotidiana de uma família com uma criança com síndrome de Down. Postagens redigidas pela administradora.</i></p>	<p><i>Mínimo de uma postagem por mês e máximo de quatro. A maioria das postagens é feita em conjunto entre as três RSDs, mas há publicação de fotos independentes no Facebook.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • http://filhosespeciais-paisabencoados.blogspot.com.br/ • www.facebook.com/FilhosEspeciaisPaisAbencoadostwitter.com/sabine_schaade 	<p><i>Aborda surdez, libras, implante coclear e inclusão a partir da experiência de uma família com uma criança com implante coclear.</i></p>	<p><i>Publica pelo menos uma postagem por mês e no máximo três mensais, sendo a última no blogue em outubro de 2014. No Facebook e no Twitter continuam sendo compartilhadas fotos e postagens de outras fontes.</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • http://www.avidacomlogan.com.br/ • https://www.facebook.com/pages/A-Vida-com-Logan/109275792484280?fref=ts 	<p><i>Aborda a vida de um pai e seu filho com síndrome de Down. Postagens tradicionais e histórias em quadrinhos.</i></p>	<p><i>O menor número de publicações foi de sete mensais e o maior de 80 postagens por mês. Todas são escritas pelo administrador do blogue. Há publicações independentes no Facebook.</i></p>
--	---	---

Quadro 1: Redes Sociais Digitais observadas

Fonte: Elaborada pela autora

Evidenciamos como os blogues ainda exercem influência nesse tipo de perfil e mantêm certo *status* ao concentrar a origem de muitas das postagens das RSDs. Obviamente essas RSDs fazem postagens diretamente tanto no *Facebook* quanto no *Twitter*, mas ainda mantêm os blogues como uma espécie de central de postagens. Observamos ainda que as postagens publicadas somente no *Twitter* e no *Facebook* aparecem em alguns blogues em forma de um quadro ou janela em destaque, o que é possível graças a aplicativos entre essas redes. Não ocupam, no entanto, lugar de postagem principal no blogue.

MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA E IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Partimos da noção de deficiência proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Aceitamos que a deficiência é “complexa, dinâmica, multidimensional, e questionada (2011, p.4)⁶. Assim localizamos a deficiência no quadro do modelo social, o que significa dizer que reconhecemos o deslocamento, mas não a ruptura, do modelo médico individualizado para o modelo estrutural e social. De acordo com essa percepção, a pessoa

6. Relatório da Organização Mundial de Saúde disponível em http://whqlibdoc.who.int/publications/2011/9788564047020_por.pdf acessado em 10.01.2014.

com deficiência seria percebida pela sociedade em função de suas limitações, mas não em função de seus corpos, como diz o relatório da OMS, e a que nós acrescentamos, de suas mentes.

Ressaltamos ainda que é comum uma PcD apresentar problemas de saúde ou se tornar deficiente como consequência de uma doença grave ou um acidente, o que não valida a perspectiva da deficiência como patologia. Em outras palavras, patologias podem estar associadas à deficiência, mas a deficiência em si não se configuraria como uma doença.

Quando nos referimos ao *modelo social de deficiência* reconhecemos que se trata de um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais, que circulam com suas singularidades e também com suas características em comum, em movimentos nem sempre previsíveis ou identificáveis, que negociam entre si e até se permitem determinados ajustes, mas estão distantes de uma relação equilibrada. Pelo contrário, estão, de novo, em tensão.

A perspectiva social, no nosso entendimento, distribui na sociedade a importância da reflexão e da responsabilização para a problemática da deficiência, deslocando a abordagem clínica e individualizada, que trazia sérias consequências para a efetiva adaptabilidade e acessibilidade dos equipamentos e estruturas sociais às PcDs. Nesse sentido, vislumbram-se cenários centrados em uma sociedade inclusiva em aspectos múltiplos e irrestritos. Se esses cenários estão sendo construídos, pode-se vislumbrar também as projeções de representações e de encenações que dissociem as PcDs dos estereótipos de cunho negativo e as aproximem de sujeitos sociais com suas especificidades.

A articulação entre o modelo social da deficiência e uma investigação científica emancipatória visa uma pesquisa científica ancorada em bases críticas, como um reconhecimento de que a academia, por vezes, teria sido cúmplice de quadros sociopolíticos opressores tanto ao produzir quanto ao se omitir (Oliver, 1997; Mercer, 2002). A investigação emancipatória visa não somente a pesquisa e a reflexão sobre os temas relacionados à deficiência, mas “a capacitação das pessoas com deficiência através da transformação das condições materiais e sociais de produção da investigação” (Barnes, 2003, p. 6). Além disso, busca diálogos viáveis entre a comunidade científica e as PcDs em uma tentativa de aproximação da produção científica e das necessidades dessas minorias.

Ao percorrer a ideia de uma pesquisa que tenta ser colaborativa em diversos aspectos e dar voz às PcDs, acreditamos respeitar, em certa medida, o lema utilizado na luta pelos seus direitos, qual seja, “nada sem nós para nós”. Tentamos realizar uma pesquisa que interesse além dos muros da universidade e do saber científico e que se distancie do limbo entre duas “realidades” que costumam ser bem distintas:

As “realidades” que estudam os cientistas sociais nem sempre coincidem com essas realidades da “vida social” que vivem os homens. As ciências constroem seus objetos de estudo, e os pesquisadores elaboram suas argumentações e suas certezas por meio da teoria, da linguagem e da prática pontual da investigação em suas disciplinas. (VIZER, 2011, P.27).

Os imaginários sociodiscursivos são fundamentais para a compreensão das representações sobre a deficiência. E em destaque encontram-se os sujeitos se movimentando em relação sociais ininterruptamente. Vejamos, pois, os sujeitos a partir da representação do dispositivo da encenação da linguagem, proposto por Charaudeau (1983, 2008)⁷, lembrando que o percebemos a partir de Machado & Mendes (2013, p.12) como um esquema vivo, afeito a mudanças, cujo objetivo é o de mostrar o funcionamento de uma dada enunciação. Dessa maneira, afastamo-nos de pontos de vista que o associam, de maneira rígida, somente à instância de produção e pensamos nas relações entre os sujeitos e no jogo cênico, com a movimentação dos *eus* múltiplos, as enunciações e as encenações.

Os circuitos interno e externo seriam as duas dimensões de produção de saber do ato de linguagem, considerado pelo autor supracitado, como algo que vai além do ato de comunicação. O ato de linguagem extrapolaria uma intenção única de um sujeito que o emite por configurar um jogo entre o implícito e o explícito dos sujeitos envolvidos. O ato de linguagem nasceria, então, de circunstâncias específicas do discurso, se realizaria em um encontro entre os processos de produção e interpretação e seria encenado por duas entidades fracionadas em sujeito de fala e sujeito agente.

7. Na tradução adaptada de *Langage et discours*, Linguagem e discurso, o quadro foi publicado com as linhas tracejadas exatamente para deixar em aberto a sua interpretação, aplicabilidade e adaptação.

Em outras palavras, o que Charaudeau (2008) define como os quatro sujeitos do ato de linguagem são: o EUc (sujeito comunicante), EUE (enunciador), TUd (sujeito destinatário) e TUi (sujeito interpretante).

Os sujeitos charaudeanos desdobram-se, como é sabido, em sujeitos sociais ou *reais*, que possuem identidades sociais ou coletivas constituídas de acordo com os supostos saberes e experiências de cada um deles, que contribuem para uma possível assimetria no processo de interação. Nem sempre o que se projetou dizer é interpretado da maneira pretendida pelo sujeito. Entendemos que, além desses saberes, fatores sociais como o pertencimento a determinados grupos socioculturais, o gênero, a idade, a diversidade sexual, a deficiência, a família, a formação, a cultura, a profissão, o trabalho, a idade, o *status* social, entre diversos outros, que são variáveis de acordo com a comunidade e as condições de vida do sujeito, são componentes importantes das identidades coletivas.

Por outro lado, e tão importante quanto, esses mesmos sujeitos constituem, ao se comunicar, identidades discursivas que, por sua vez, também são inconstantes e são moldadas a cada interação, de acordo com as circunstâncias específicas do discurso e o contrato de comunicação. É nesse cenário que a configuração verbal se dá como resultado da relação estabelecida pelos sujeitos entre ela própria e o sentido implícito, um jogo entre o visível e o oculto. “Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem” (CHARADEAU, 2008, p. 24).

O sujeito, como protagonista da Teoria Semiolingüística, está no centro de um processo paradoxal entre o individual e o coletivo. Por um lado, a alteridade prevalece em suas enunciações na medida em que preserva, na medida do possível, a sua própria identidade. Por outro lado, essa mesma identidade está inscrita em um tempo e um espaço. Apesar da contradição e das dificuldades para manter essa individualidade, ela é necessária e se faz dialógica em uma dada sociedade.

A vida em determinada comunidade lhe impõe negociações cotidianas e permanentes em nome de *contratos sociais* e *contratos comunicativos*, assim como os fatores psicossociais e culturais influenciadores do ato de linguagem tanto em sua forma micro quanto macro, conforme resumem Machado & Mendes (2013, p.11): “Trata-se de uma concepção humanista,

relacional, do sujeito, pois este é visto em todas as suas dimensões psicossociolinguageiras, inclusive como um corpo físico que habita um mundo, através do qual institui seu real". As autoras explicam o esquema a partir da metáfora das *bonecas russas*⁸, que permeia a obra charaudeana. Para cada troca o quadro vai se desdobrando e abrindo novas janelas em uma sequência controversa em sua simplicidade perceptível e sua complexidade nos detalhes que muitas vezes nos escapam como sujeitos individuais e coletivos. Um jogo sofisticado, aberto, suscetível a inúmeros encaixes e movimentações que se adapta de acordo e a partir de cada troca comunicativa.

No gênero reportagem (para um jornal impresso), no exemplo analisado pelas pesquisadoras, deve-se levar em consideração o envolvimento de um sujeito heterogêneo que não seria apenas o *sujeito* jornalista. O sujeito comunicante envolveria o jornal (instituição), a equipe (os profissionais que contribuíram para a produção), o jornalista (quem constrói o texto) e as fontes (testemunhas que dão o depoimento ao jornalista):

O Gênero reportagem passa por um trabalho textual que o *scriptor* organiza. Ele é considerado aqui um ser de papel responsável enquanto função de estruturação discursiva do gênero, por um projeto de fala. Podemos ter marcas de um narrador através de sua enunciação mesmo ou através de posicionamentos, ou da ausência destes. Cada testemunha que dá seu depoimento consiste em um Eu [comunicante e enunciador] que está numa relação de encaixe em relação à voz do narrador e assume a posição de personagem que colocamos no nosso quadro. (MACHADO & MENDES, 2013, p.14).

Na nossa leitura, essa reflexão desvela a polifonia em duas dimensões principais. Ela estaria representada na inter-relação entre os sujeitos múltiplos que estão na gênese do sujeito que enuncia: o jornal, o jornalista, a equipe, as fontes, para nos atermos àqueles considerados por Machado & Mendes (2013), e ainda o leitor projetado por todos eles e o leitor encontrado. E, uma vez mais, a multiciplicidade, componente que amplia a complexidade da situação de comunicação e as posições dos sujeitos, se faz presente em

8. Matryoshka é o nome do brinquedo russo que é altamente complexo em sua simplicidade. As bonecas são ocas, com exceção da última. De formas cilíndricas, elas se encaixam umas dentro das outras movimento que parece infinito.

cada um desses sujeitos citados, de maneira isolada e também conectada, na rede que se estabelece entre eles em cada dispositivo de encenação.

Dessa maneira, entendemos que os quatro sujeitos previstos inicialmente por Charaudeau ganhariam uma dimensão mais fluida em situações interlocutivas em dispositivos como as RSDs. Com Vion (1992), entendemos que a interação é o lugar onde se constroem e reconstroem indefinidamente os sujeitos e o social.

No esquema citado encontramos a simbolização dos imaginários e as possíveis projeções para julgamentos cristalizados nos quais percebemos pouca maleabilidade ou um fluxo menor entre os espaços da *mise en scène*. E como afirmou Charaudeau (2009), se o julgamento se torna duro e generalizado, abre-se espaço para o estereótipo e, conseqüentemente, para o preconceito. Ao contrário do que possa parecer, o preconceito seria cristalizado como uma defesa contra uma suposta ameaça, ou seja, o preconceituoso tenta se proteger contra a diferença alheia ou contra a sua própria diferença, que intimida face ao outro. Quando lidamos com noções polissêmicas é importante que estabeleçamos um *contrato* com o leitor a exemplo do que tentamos fazer ao longo de toda a tese. Por isso, os imaginários sociodiscursivos aqui serão tratados a partir de Charaudeau (1992, 2007 a b e c, 2008 a e b, 2011) em uma articulação com Vion (1992) e Vizer (2011). O imaginário a partir de Charaudeau não é concebido como algo que se opõe à realidade. É uma interpretação da realidade, de um universo de significações (Charaudeau, 2011).

Se, em um dos seus sentidos, o discurso está associado à encenação do ato de linguagem, ele diz respeito à representação de práticas sociais relativamente racionalizadas, conforme afirmamos com Charaudeau (2008a). Esse dispositivo de *mise en scène*, que também está no campo da representação, desvela uma rede ou um conjunto de elementos imbricados, como o contexto sócio-cultural, a atribuição de valores resultantes de um conjunto de saberes, o compartilhamento dos saberes por indivíduos de um grupo social e as identidades desses indivíduos no grupo, entre outros que dependem da relação entre esses.

O imaginário é um modo de apreender o mundo que nasce na mecânica de representações sociais, o que, como já foi dito, construiu o significado dos objetos do mundo, os fenômenos que ocorrem, os seres humanos e seu comportamento, transformando a realidade

significante real. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem emocional-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e é depositado na memória coletiva. Assim, o imaginário tem uma dupla função de criação de valor e justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2007b, p. 4)⁹

Em linhas gerais a representação, para Charaudeau (2007b), é percebida não como um conceito, mas como um mecanismo de construção de sentido que molda e formata a realidade em significante real interconectando conhecimentos fragmentados da “realidade social”¹⁰. Lembremos que Durkheim (1963) usou o sintagma representações coletivas que foi questionado por Moscovici (1989) que levantou o problema de coletivo remeter a opiniões de um grupo fechado dentro de uma comunidade. O autor propôs a expressão representações sociais, que seria mais ampla e daria conta de explicar e justificar as práticas sociais com suas normas e regras. Nesta perspectiva, podemos afirmar que as representações seriam geradas por um conjunto de conhecimento, imaginários e emoções; seriam os mecanismos de engendramento de saberes e imaginários e não estariam, assim, incluídas no grande conjunto das ideologias; mas garantiriam forma ao conhecimento compartilhado do mundo.

Assim, as representações se dariam em função de um duplo movimento. Como em um espelho, teríamos uma clivagem de *simbolização* e de *autoapresentação*. Em um primeiro movimento ou simbolização os objetos seriam recortados do mundo e imaginados por meio de um sistema semiológico através de uma imagem projetada pelo próprio objeto. O segundo

9. Nossa tradução de: *L'imaginaire est un mode d'appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l'a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s'y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. Il résulte d'un processus de symbolisation du monde d'ordre affectivo-rationnel à travers l'intersubjectivité des relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective. Ainsi, l'imaginaire a une double fonction de création de valeurs et de justification de l'action* (CHARAUDEAU, 2007b, p.4)

10. Nossa leitura de: *Pour ma part, je reprendrai donc cette notion en la définissant, non pas comme un concept, mais comme un mécanisme de construction du sens qui façonne, formate la réalité en réel signifiant, engendrant des formes de connaissance de la « réalité sociale* (CHARAUDEAU, 2007, p. 1).

movimento diria respeito à autoapresentação. Uma visão presumida do mundo retorna e reflete no próprio sujeito como a imagem que ele mesmo arquiteta do mundo e através da qual ele define a si mesmo. Partindo da ideia que o mundo é autoapresentado, o sujeito constitui a sua própria identidade, e contribui para a identidade do outro.

A enunciação pode ser tomada como a materialização da maneira como os sujeitos percebem o mundo. É como se cada indivíduo conseguisse reuni-los em enunciados fragmentados de fatos, de gestos e de valores que ele atribue aos fenômenos inerentes à vida social. Essas representações são alçadas ao *status* de sociodiscursivas se e quando um sistema de signos rege o processo de configuração dessa simbologia no qual o enunciado desempenha o papel de testemunho de um sujeito sobre o mundo. Em um palco no qual o enunciado é vestígio da encenação precisa-se de um protagonista para viabilizar a encenação. De novo, o sujeito é o personagem principal:

Reservarei, assim, a qualificação “sociodiscursiva” para as representações que envolvem o sujeito, os levam a tomar partido no que diz respeito aos valores, em oposição aos conhecimentos que lhe são exteriores, não lhe pertencem, vêm até ele e não o envolvem (CHARAUDEAU, 2007a, p.4).

Aqui surgem as pistas para dois tipos de saberes, nos quais estão ancoradas as representações cujo centro é o sujeito: os de conhecimento e os de crença. O leitor pode se perguntar se, diante da complexidade da vida contemporânea, a categorização dos saberes em apenas dois grandes blocos não nos levaria a uma armadilha que reduziria as representações a uma visão de noções antagônicas e, por vezes, incompatíveis. Vejamos a definição de cada uma e as possíveis conexões.

A linha principal dos saberes do conhecimento é a racionalização. O homem tenta entender e representar o mundo por meio de maneiras inteligíveis, ou seja, identifica e atribui marcas, materializando fronteiras para semelhanças e diferenças; cria as suas próprias definições de hierarquias e conjuntos a partir de referências. E aprende a lidar, cotidianamente, com a taxonomia. A materialidade pede um prolongamento, como se não se pudesse interromper esse processo mesmo quando se tem consciência de que nele haverá breves intervalos. Nem tudo é ou está visível, é preciso ir além,

consultar, estudar, analisar, aprender por analogias, criar vínculos entre as práticas de experiência e o conhecimento técnico (CHARAUDEAU, 2007b). Os saberes de conhecimento, portanto, estão relacionados a uma visão científica do mundo cujo objetivo principal seria o de estabelecer uma verdade. Em função disso é construída uma representação da realidade apoiada em conhecimento e informações sobre os porquês dos fenômenos do mundo.

Os conhecimentos se beneficiariam de um preconceito favorável, para tomar emprestadas as palavras de Charaudeau, de objetividade e de realismo, que teriam a função de garantir certa estabilidade à visão de mundo. Devemos acrescentar que, apesar de definir conceitos e modos de raciocínio que podem ser usados pela coletividade como se escapassem da singularidade do indivíduo (Charaudeau, 2011), não podemos desconsiderar o crivo minucioso e detalhado, que permite a cada indivíduo relativizar e estabelecer uma visão crítica dos conhecimentos a partir de suas vivências. São elas que possibilitam a experiência empírica dos fenômenos do mundo por meio do sentir, ver, ouvir, tatear, ter percepções, enfim, viver, em permanente negociação com os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. E são elas também que nos permitem interpretações e releituras sobre o próprio conhecimento científico.

Se os saberes de conhecimento estão no campo da racionalidade, os saberes de crença têm como linha principal a subjetividade e visam sustentar um julgamento sobre o mundo. Não estamos aqui referindo-nos a saberes de crença como fé religiosa, embora ela possa ser um dos componentes dessa categoria. Nossa referência é o olhar ou a subjetividade do sujeito, que permite que o mundo não exista em si mesmo, mas seja percebido a partir de seus próprios comentários e dos comentários do outro sobre ele e a atividade humana.

Por meio das crenças, ou aquilo no qual se acredita, as comunidades criam o que podemos chamar de regulação das práticas sociais ou aquelas normas de comportamento que entendem que devem ser seguidas em determinado grupo. Assim, os julgamentos pragmáticos relativamente estereotipados feitos por meio de sistemas de interpretação sobre o possível, o provável, o certo, o errado, o positivo, o negativo, o ético, o antiético, o que fazer e o que não fazer, o belo e o feio, o válido e o inválido, o padrão e a transgressão, o normal e o anormal, o eficiente e o deficiente, e, assim sucessivamente, nascem, se reproduzem, se perpetuam ou se reconfiguram.

DEFICIÊNCIA: ENTRE CONTEXTOS E EFEITOS DE SENTIDO

Pesquisamos nos dicionários a partir de uma ótica do hipertexto que, a nosso ver, se aplica a produtos impressos e a outros bens culturais, a partir da qual podemos fazer consultas sem obedecer a um princípio linear. Ao consultar um verbete no dicionário¹¹ seguimos as pistas que ele nos apresentou e estabelecemos vínculos com outros verbetes indicados por ele, criando uma rede de sentidos a partir de uma textualidade navegante (MAINGUENEAU, 2013).

Os dicionários são considerados hipertextos por alguns autores na medida em que a leitura é feita a partir da autonomia do leitor sem lógica linear ou definida pelo autor: “Um hipertexto, ao contrário, não tem uma ordem preferencial para ser lido. Um bom exemplo de hipertexto são os dicionários; outro, as enciclopédias. Em ambos procuramos diretamente o verbete que nos interessa. E se, ao ler a definição do verbete, encontramos termos que nos são desconhecidos, vamos diretamente a eles. Não tenho notícia (mas certamente existem) de pessoas que leiam dicionários sequencialmente, uma página após a outra, da primeira à última” (TOMAGHI, 2005, p. 2).

Os dicionários reúnem textos que podem ser relacionados a algumas dimensões da vida social que contribuem para a compreensão da sociedade em nossa época (VIZER, 2011), explicados neste livro, tais como o eixo de práticas e ações instrumentais, de organização política e o normativo-valorativo. No nosso entendimento os dicionários, de certa maneira, são uma referência documentada de imaginários sociais que materializam e refletem as maneiras como determinada sociedade tratavam discursiva e socialmente grupos sociais como as PcDs. A partir da etimologia das palavras e do emprego feito em determinada época temos uma ideia dos possíveis efeitos de sentido que os sujeitos poderiam produzir.

11. Os dicionários são considerados hipertextos por alguns autores na medida em que a leitura é feita a partir da autonomia do leitor sem lógica linear ou definida pelo autor: “Um hipertexto, ao contrário, não tem um ordem preferencial para ser lido. Um bom exemplo de hipertexto são os dicionários; outro, as enciclopédias. Em ambos procuramos diretamente o verbete que nos interessa. E se, ao ler a definição do verbete, encontramos termos que nos são desconhecidos, vamos diretamente a eles. Não tenho notícia (mas certamente existem) de pessoas que leiam dicionários sequencialmente, uma página após a outra, da primeira à última” (Para Tomaghi, 2005, p. 2).

Por que um dos pontos de partida seria o dicionário ou um conjunto deles? A nosso ver, os dicionários constituem o repositório da cultura letrada de uma dada sociedade. Eles definem, em linguagem controlada e editada, o resultado final de um longo processo de maturação linguística, que se inicia no falar popular e vai se concluir nos saberes ditos “eruditos” ou nas terminologias consagradas pelos círculos de produção da cultura.

Charaudeau (2008a) nos chama a atenção para o fato de os dicionários registrarem um *hábito cultural*, muitas vezes imposto pelos próprios dicionaristas privilegiando um dos usos mais frequentes e não porque haveria um valor unitário ou absoluto dos signos. Por outro lado, não podemos desprezar as *constantes de sentido*, nas palavras do autor supracitado, que surgem desses valores de uso, que nos parecem apropriados para a pesquisa em questão. A citação a seguir nos guia em direção aos saberes que se constituem por meio dos diversos usos do signo:

Essas constantes de *sentido* se constroem em razão do emprego de palavras em contextos semelhantes e em contextos diferentes. Empregos múltiplos, que vêm depositar sedimentos de sentido, cujo reconhecimento é formador de um certo saber *metacultural* sobre os signos, saber este que os integra em uma taxinomia geral. Se podemos reconhecer o traço de “redondez” como sendo um dos componentes de *olho* – pois uma marca linguística pode ser portadora de vários componentes – isso ocorre como o resultado de um determinado saber que se constituiu em razão dos diferentes usos que se valeram desse traço. Denominamos esse saber Núcleo metadiscursivo (NmD). (Charaudeau, 2008a, p. 35).

O dicionário pode ser percebido também como um retrato letrado possível de uma época. E por meio dos dicionários é possível ter pistas sobre um conjunto de termos e expressões que uma dada formação social, em certa época da sua trajetória histórica, elegeu como representativos para falar de si e dos outros. De certa forma se pode dizer que o dicionário reúne o resultado linguístico de uma dada construção social, com suas ideologias, representações, fantasmas, tabus, não ditos e idiossincrasias. O dicionário estaria no campo do saber de conhecimento (CHARAUDEAU, 2011).

É fundamental entendermos, por exemplo, porque determinada sociedade utilizou o termo “retardado” para designar, de maneira genérica

e evidentemente excludente, o conjunto das situações que caracterizam a deficiência. Parece-nos que “retardado” se refere ao atraso numa linha evolutiva que se pretendia única e imutável. O ser humano nascia, na primeira infância aprendia as primeiras letras e os primeiros números, adolescência e logo se tornava adulto, isto é, a resultante completa e acabada de um processo evolutivo que se pretendia linear e homogêneo.

Portanto, se, por um lado, termos como retardado, idiota, imbecil e deficiente, poderiam revelar o medo, a estranheza e a incerteza de como lidar, incorporar e incluir a PcD, chegando muitas vezes à rudeza, à crueldade e à exclusão, como mostrou o exemplo supracitado, por outro lado, revelam também a ignorância e o despreparo para encarar o outro e assumir - ele, ou ela, ou ele/ela, é diferente de mim, mas nem por isso é menos do que eu.

Esses medos, por sua vez, traduziriam um desconhecimento social mais amplo. Uma determinada ciência, também ela, por sua vez, como mencionado no último exemplo, reflexo e resultado de certa construção social, “ensinou” aos seus contemporâneos que aquele que fugia ao padrão se “retardava”, estava atrasado, ou, pior, apresentava uma “deficiência” que o tornava para sempre um “imbecil”.

Os dicionários antigos, cujas definições hoje podem nos parecer bizarras ou até mesmo assustadoras, nada mais nos parecem ser do que o arranjo, a organização e a classificação desses padrões que frequentavam e determinavam as relações sociais. Por outro lado, essa reflexão não nos permite eliminar ou justificar as atrocidades que tenham sido cometidas e não cessam de ocorrer seja por meio do discurso ou de práticas vigentes em determinadas sociedades.

É importante notar ainda que apesar da nossa compreensão dos contextos histórico-culturais, a dinâmica social alimenta o uso linguageiro, cristaliza-o ou modifica-o e o transforma, possibilitando a sua constituição de maneiras diversas ao longo dos anos, podendo ser pejorativa, estereotipada e até mesmo na condição de xingamento e insulto em relações pessoais iniciadas, muitas vezes, na infância, na escola e, até mesmo, no ambiente familiar.

Embora não haja muitos registros sobre como a deficiência era tratada na Antiguidade –os estudos costumam ser raros e pontuais –, encontramos

correspondência entre o que está descrito pelos dicionários e o que foi registrado na história da humanidade. Antes de chegarmos aos termos dicionarizados consideramos importante fazermos um breve passeio pelas representações e o tratamento social dispensado às pessoas com deficiência ao longo dos anos. Eles também apontam pistas para a compreensão dos imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência que encontramos nas RSDs na atualidade.

Retirar a vida das pessoas com deficiência ou retirá-las do convívio social já fez parte de muitas sociedades ou pelo menos dos seus imaginários. Platão, por exemplo, em sua obra considerada mais célebre, *A República*, escrita no século IV a.C, recomendava à medicina e à jurisprudência o encaminhamento aos casos de pessoas com deficiência: (...) “cuidarão apenas dos cidadãos bem formados de corpo e alma, deixando morrer o que sejam corporalmente defeituosos (...) é o melhor tanto para esses desgraçados como para a cidade em que vivem” (PLATÃO, 1972:716). Na cidade fictícia Callipolis, ou cidade bela, não havia espaço para as pessoas consideradas inferiores, por isso, deveriam ser escondidas em um lugar interdito e oculto. No envidraçado do espelho, o lado da luz, brilhavam as pessoas com corpos saudáveis e *bem feitos*, quase esculpido, legitimando o culto à beleza. Do lado opaco, o das sombras, se esgueiravam os de corpos ou mentes *mal feitos*.

A noção de defeito aparece na Bíblia, que teria sido escrita por diversos autores entre 1445 e 450 a.C. São várias menções aos defeitos tanto para os animais quanto para os humanos. Exigia-se que não houvesse “defeito” nem nos animais, oferecidos nos sacrifícios ou atos nos quais o homem entrega a Deus algo que ele estima muito, tornando-o sagrado. “Se for sacrifício da comunhão, e se você oferecer para Javé animal grande, macho ou fêmea, ele deverá ser sem defeito”, está profetizado em Levítico (Levítico: 3-4, p. 118), o livro da tribo de Israel que foi escolhida para exercer a função sacerdotal, e onde estão descritos vários rituais dos sacrifícios.

Os leprosos e aqueles que tinham sarna deveriam ser examinados pelos sacerdotes para uma série de procedimentos, que determinavam períodos de isolamento. Confirmada a lepra, a pessoa era considerada impura, que pode estar impregnada de forças perigosas, o que não significaria algo de cunho físico ou moral. A lei sobre o leproso prevê: “Quem for decla-

rado leproso, deverá andar com as roupas rasgadas e despenteado, com a barba coberta e gritando: Impuro! Impuro! (Levítico: 13, p. 129). E assim, determinava-se que a pessoa fosse excluída do acampamento para viver separadamente da família e do restante da comunidade. As pessoas com deficiência não eram dignas de participar de rituais como os previstos na Santidade dos Sacerdotes, por exemplo:

Javé falou a Moisés: “Diga a Aarão: Nenhum dos seus descendentes, nas futuras gerações, se tiver algum defeito corporal, poderá oferecer o alimento do seu Deus. Não poderá apresentar-se ninguém defeituoso, que seja cego, coxo, atrofiado, deformado, que tenha perna ou braço fraturado, que seja corcunda, anão, que tenha defeito nos olhos ou catarata, que tenha pragas pustulentas, ou que seja eunuco. Nenhum dos descendentes do sacerdote Aarão se apresente, com algum defeito, para apresentar ofertas queimadas a Javé. É que tem defeito e, por isso, não se apresentará para oferecer o alimento do seu Deus. Ele poderá comer das porções sagradas e santíssimas, mas não ultrapassará o véu, nem se aproximará do altar: ele tem defeito corporal, e não deverá profanar as minhas coisas sagradas, porque eu sou Javé, que as santifico. Moisés falou tudo isso a Aarão e seus filhos, e a todos os filhos de Israel. (LEVÍTICOS, 21-16, P.138).

O “defeito” corporal determinava às pessoas com deficiência o lugar da humilhação ou de bobo da corte, como disse Amaral (1995). Tinham que desaparecer dos locais públicos e ser escondidas para não incomodar a sociedade. Não podiam se conectar às redes sociais, fossem elas de familiares, de vizinhos ou comunitárias. Elas não podiam estar, não podiam tocar nem ser tocadas, não podiam ser... E em alguns momentos da história da humanidade, nasciam, mas não podiam viver. O atributo que a diferencia pode ser evidenciado à primeira vista ou pode ser ocultado dependendo dos encontros sociais (GOFFMAN, 1975).

Marcílio (1998), que estudou a história social da criança abandonada, lembra que na Grécia antiga, era consenso que as crianças *disformes* deveriam ser expostas, ou seja, deixadas na rua ou em algum lugar no qual não mais seriam encontradas, sendo mais comuns os casos de abandono para as meninas *disformes*. Refletindo brevemente sobre a deficiência e a beleza na sociedade grega, parece-nos que as representações da deficiência estariam para representações sobre o corpo perfeito como um dos lados

opacos do espelho. É por esse lado que não se vê ou que não se deseja ver aquele ou aquilo que não é belo o suficiente, que não reflete um estilo de vida saudável, com corpos torneados, na mais alta expressão da beleza que se pode almejar. E aqui nos perguntamos se esse ideal não estaria refletido nos imaginários da sociedade atual com grandes parcelas de pessoas dedicadas à busca incessante da vida saudável e corpos esculturais. À deficiência não seria permitido desfilar em praça pública ou nos ginásios frequentados por atletas que, com seus corpos quase sempre nus, simbolizavam a força, a energia, a coragem, o poder de uma sociedade.

O foco na limitação, algumas vezes, pode resultar em um roteiro de vida com viés aparentemente dramático descreve uma situação na qual a própria família estava apta a tomar a decisão se um *disforme* teria direito à vida ou se seria abandonado: “A deformidade da criança ou a pobreza da família bastavam para que a justiça doméstica decretasse a sua morte ou seu abandono. O aborto era legítimo e o infanticídio admitido” (MARCÍLIO, 1998, p.23). A mudança nessa percepção da sociedade ocorreu depois do ano 318, quando o infanticídio passou a ser punido com morte. Mas aos *defeituosos*, o tratamento continuou o mesmo, sendo naturalizada a prática das famílias atirarem ao mar ou queimarem, matando os bebês com “defeito”, que trariam o mau agouro não só para aquela família, mas para toda a comunidade.

Qual seria, então, a relação entre o termo *defeito* ou *imperfeição*? No latim *Deficientia*, que significa falta, falha, carência, imperfeição ou defeito, está a origem de deficiência (Aurélio, 2013). Alguns dicionários costumam apresentar deficiência em sua concepção para a medicina e para o direito, ampliando para algumas outras poucas áreas, quando as consideram relevantes. Para a medicina, deficiência, significa, de acordo com a mesma fonte, insuficiência. E deficiente é aquilo ou aquele que apresenta deficiência, que é falho ou imperfeito. É do século XVI, mais precisamente em 1573, o registro do Houaiss para a acepção de deficiência como uma falha, algo que não funciona bem ou ainda: “Para a psiquiatria, insuficiência de uma função psíquica ou intelectual, deficiência mental ou deficiência sensorial” (HOUAISS, 2009, p.606). A deficiência é também associada à invalidez, a partir de uma ótica jurídica com vistas a direitos trabalhistas: incapacidade física ou mental permanente que impossibilita o

exercício de atividade profissional, sendo justificativa para a aposentadoria (HOUAISS, 2009, p.1104).

A ideia de imperfeição ou de defeito parece guiar a maior parte das definições para deficiência. No dicionário Houaiss: Sinônimos e Antônimos (2003, p.189), por exemplo, deficiência é caracterizada como deformidade, defeito, deformação, disformidade, malformação/má formação, aplicados para deficiência física. E o verbete defeituoso, por sua vez, é: “enguiçado, desarranjado, quebrado (para máquinas) ou defeitivo, errado, falho, imperfeito, incompleto, malfeito” (2003, p.189).

Continuando as nossas buscas por verbetes em dicionários e as suas relações com os imaginários sociodiscursivos atuais, encontramos inválido, que remete a 1537 e aponta para alguém desprovido de vigor físico e moral; fraco, débil; vão, nulo; que ou aquele que, por deficiência física ou mental, se tornou incapaz de levar uma vida ativa, especialmente de exercer atividades profissionais (HOUAISS, 2009). De débil, dicionarizado pelo menos a partir do século XV, surgem variações de débil mental, que para a psiquiatria significa quem apresenta debilidade mental, que ou quem carece de inteligência, ou ainda falta de discernimento, bobo, idiota, tolo (HOUAISS, 2009).

Também é do século XV o registro para aleijado e aleijão, sempre associados a quem tem alguma imperfeição física; que apresenta falha moral ou espiritual; defeituoso, deformado, imperfeito, mutilação, que apresenta grande deformidade física; monstro; qualquer coisa disforme, malfeita ou monstruosa. Um século antes, porém, defeito já havia sido relacionado à deformidade e imperfeição física (HOUAISS, 2009).

No século XVIII, Bluteau (1728) destacou verbetes como debil (fraco de forças), aleijado (aquele que não pode usar um braço ou uma perna, que tem alguma doença) e inválido (enfermo, que perdeu as forças), além de defeituoso (imperfeito). Já Morais e Silva (1789) mantêm os verbetes alejado, alejão, alejar, débil e debilidade com significados semelhantes. No século seguinte, Silva Pinto (1832) também registra aleijão e alejar com os mesmos sentidos.

É importante registrar que no dicionário HOUAISS (2009) consta ainda excepcional como indivíduo que tem deficiência mental, baixo QI, quociente de inteligência, deficiência física (deformação do corpo), ou sensorial (cegueira, surdez, etc).

Em países de língua inglesa e também na França a palavra *handicap* significa, genericamente, desvantagem ou, em sentido figurado, dificuldade, obstáculo ou impedimento (PORTO, 2013). Como ocorre nos dicionários brasileiros, o verbete tem a acepção da medicina destacada como deficiência. O termo seria de uso relativamente recente na língua francesa, tendo surgido na primeira metade do século XIX nas corridas hípicas. A etimologia está relacionada ao idioma inglês, significando literalmente ‘mãos no chapéu’, uma analogia à escolha do nome do cavalo vencedor da prova escrito em pequenos papéis no fundo do chapéu. Usado em sua forma verbal, *handicaper* um concorrente, por exemplo, seria a ação de alguém para reduzir as chances de sucesso do outro (ARTHUIS, 2007).

Uma atualização dinâmica da língua teria levado países europeus a assumir o uso de *handicap* de acordo com o que preconiza a Organização Mundial de Saúde (OMS), como uma desvantagem que atinge uma pessoa particularmente em sua vida social. No verbete assinado por Arthuis (2007), no “Dictionnaire du corps”, há menção à sequência de termos *déficience-incapacité-handicap*, muito criticada na França por remeter a uma antiga e equivocada expressão de *inadaptação social*.

Após uma longa explicação sobre os direitos da pessoa com deficiência e sobre a criação da *Maison du handicap* o autor finaliza o verbete reforçando um discurso sobre a deficiência como diferença, que será explorado adiante nesse trabalho, conforme nossa tradução a seguir do original “Minha tradução do trecho original: Il devient impératif que la société puisse les regarder autrement. Car elles sont certes des personnes “différentes”, mais leur différence n’entraîne nullement leur infériorité. Égales en droits, elles méritent le même respect et la même considération que les autres. D’autant que, par leur fragilité, elles nous rappellent notre humanité et notre propre fragilité. C’est pourquoi, en plus des lois qui contribuent à améliorer leur vie, nous leur devons respect et amour. Nous devons leur apporter, ainsi qu’à leurs familles, compréhension, soutien et accompagnement en vue d’une vie digne qui, en retour, humanisera notre société”. (ARTHUIS, 2007, p.443):

É imperativo que a sociedade possa olhá-los de forma diferente. Eles são, certamente, pessoas “diferentes”, mas a sua diferença não causa inferioridade. Iguais em direitos, eles merecem o mesmo respeito e a mesma consideração que os outros. Tanto mais que, por

sua fragilidade, eles nos lembram de nossa humanidade e da nossa própria fragilidade. É por isso que, além de leis para melhorarem as suas vidas, devemos-lhes respeito e amor. Devemos dar-lhes e às suas famílias, compreensão, apoio e acompanhamento para uma vida digna, que, por sua vez, humanizará a nossa sociedade. (ARTHUIS, 2007, p.443)¹².

CONQUISTAS SOCIAIS, LEIS E CONVENÇÕES

De certa forma também o conjunto das normas legais, aquilo que comumente conhecemos como “legislação”, traduz em linguagem codificada um olhar social. Ainda que não seja sempre assim, via de regra, uma norma legal é editada após um trabalho de construção social, que envolve a participação de diversos atores, a maioria do campo institucional. Um parlamentar propõe um projeto de lei, que é discutido em comissões legislativas e no plenário da casa legislativa, e passa por pareceres técnicos. Pode envolver a consulta a grupos ou setores sociais envolvidos com o tema e a realização de audiências públicas em um trabalho de construção coletiva da lei. Pode até mesmo o projeto de lei ser proposto por iniciativa popular, isto é, por uma parcela representativa do conjunto da sociedade.

A norma legal resultante é, portanto, consequência da construção social ou de imaginários sociais dos quais ela é originária. Da mesma forma que os dicionários o são para o campo da linguagem falada e escrita, a legislação é o repertório do que se considerou válido no campo da normatização jurídica da vida social. Por que uma sociedade pune legalmente os maus tratos a pessoas com deficiência? Por que numa certa sociedade a assistência à saúde e a aposentaria às PcDs são garantias existentes há

12. Minha tradução do trecho original: *Il devient impératif que la société puisse les regarder autrement. Car elles sont certes des personnes « différentes », mais leur différence n'entraîne nullement leur infériorité. Égales en droits, elles méritent le même respect et la même considération que les autres. D'autant que, par leur fragilité, elles nous rappellent notre humanité et notre propre fragilité. C'est pourquoi, en plus des lois qui contribuent à améliorer leur vie, nous leur devons respect et amour. Nous devons leur apporter, ainsi qu'à leurs familles, compréhension, soutien et accompagnement en vue d'une vie digne qui, en retour, humanisera notre société.* (ARTHUIS, 2007, p.443).

muitos anos? Quais motivos levam um país a adotar políticas de educação inclusiva e criminalizar a negação da vaga em escolas para crianças com autismo? Como entender o fato de que o *bullying* é crime e as PcDs são, muitas vezes, vítimas dessa prática prevista em lei? É evidente que a normatização legal em si, num caso e no outro, não é a origem das diferentes atitudes sociais perante o mesmo comportamento. Ela seria o resultado, o termo final ou temporário de um processo cuja origem deve ser o arcabouço ideológico, o conjunto de códigos e referências morais nos quais uma e outra sociedade acredita. E dentre os quais estão, sutil ou evidentemente, as representações sociais.

Novamente com Vizer (2011), a legislação, a nosso ver, estaria relacionada às dimensões culturais, de práticas e ações instrumentais, de organização política e normativo-valorativa necessárias para a compreensão da vida cotidiana e, conseqüentemente, da complexidade discursiva que nela tem lugar.

Portanto, pesquisar a legislação para entender como cada sociedade, no tempo e no espaço, tratou a questão da deficiência, significa abordar o conjunto de referências e representações dessa sociedade a partir de um dos resultados formais finais do processo. Supomos, assim, que a lei é a decantação social de um processo de construção ideológica cuja origem está nas representações, nos imaginários, nas crenças, nos tabus, nos interditos que certa sociedade construiu para si mesma. A legislação está relacionada a todos esses saberes de crença e paradoxalmente também aos saberes de conhecimento talvez nos dando conta da aplicação pragmática dos saberes em dois campos (CHARAUDEAU, 2011), conforme mencionamos. Como os dicionários, a normatização legal é um campo privilegiado de análise, ambos são fontes para o acesso à forma como essa ou aquela sociedade tratou determinado tema e como esse tratamento pode ter relações com a circulação das representações e das encenações.

E, em certa medida, no futuro, as redes sociais, ou seus arquivos, provavelmente também integrarão um universo, bastante diferente da legislação e dos dicionários, mas peculiar, bem próximo da linguagem cotidiana, registrada por instituições e anônimos em seus perfis públicos e privados, e que estaria relacionado, a nosso ver, a todas as dimensões apontadas por Vizer (2011) como aquelas que nos remetem à complexa vida

cotidiana: as práticas e ações instrumentais (condições de vida e as relações com os meios), a organização política (Estado e práticas de democracia, igualdade/desigualdade, etc), as normas e valores em seu sentido informal e horizontal (igualdade e direitos à diferença entre indivíduos, grupos e setores sociais), a “realidade material e simbólica” (diferentes espaços e territórios), os vínculos e os laços sociais e de parentesco (emoção e sentimento) estão na quinta dimensão e a dimensão cultural (narrativas, cerimônias e rituais).

As expressões, sintagmas, enunciados e imaginários sociodiscursivos sobre as PcDs, como dissemos, compõem o universo de reivindicações dos movimentos que defendem os direitos e as garantias de cidadania à maior comunidade ou minoria do planeta. Na medida em que as conquistas desses movimentos avançam, ganha corpo também a ideia de que é preciso se libertar de palavras que estigmatizam ou estereotipam as PcDs ou que lhes imponham atributos pejorativos. Longe de ser um consenso é, antes de tudo, uma negociação permanente que se faz, periodicamente, interna e externamente nos próprios movimentos e com órgãos governamentais, instituições diversas e com a própria sociedade. O resultado desses acordos se materializa em documentos nacionais e internacionais, especialmente aqueles publicados pela Organização das Nações Unidas (ONU), que são referendados pelos governos de diversos países e na participação ativa dos movimentos políticos e de anônimos em eventos sociais e nas redes digitais.

O início do uso de uma nova palavra ou sintagma não significa, porém, o fim dos demais. Como toda língua é dinâmica e, como a linguagem se constitui de componentes individuais e sociais, vai se adaptando de acordo com o próprio uso e com a cultura. É comum, como sabemos, haver uma profusão de termos, para denominar o mesmo, circulando simultaneamente. Assim como a própria deficiência, retomando a nossa reflexão anterior, a linguagem está intimamente relacionada aos aspectos individuais e coletivos. E mesmo entre os movimentos políticos que lutam por essa *unificação* ou *aprimoramento* dos enunciados linguísticos há divergências expressas em discursos distintos ao longo dos anos.

Para que possamos entender um pouco melhor a rede discursiva que se forma dos movimentos para os documentos, deles para a sociedade e dela para as redes, não necessariamente em uma ordem estática e hierarquica-

mente assim estabelecida, recuperamos alguns documentos internacionais considerados referência na luta pelos direitos das PcDs, além de fragmentos da história do movimento político no Brasil. De certa maneira, esse conjunto de documentos integra a memória coletiva das PcDs assim como a memória individual de muitos que tiveram as suas narrativas de vida a eles associadas.

Os movimentos sócio-políticos ou aqueles que tiveram sua trajetória politizada, tais como os que defendem os direitos das PcDs, estão intimamente ligados aos imaginários que permeiam a instância política e que podem ser reunidos em pelo menos três grandes grupos, segundo Charaudeau (2011), aqui resumidos por nós: Tradição, Modernidade e Soberania.

O imaginário da tradição é sustentado por discursos que, em algum momento histórico, mobilizaram as massas. Há o desenvolvimento de discursos que justificam guerras, extermínios, fobia contra o outro (homossexuais, judeus, negros, pessoas com deficiência) ou estigmatizam movimentos migratórios ou religiosos (imigrantes africanos na Europa, Islamismo como radicalidade). E também a defesa de valores passados como a mulher manter-se virgem para o casamento, a constituição de famílias somente heterossexuais ou a manutenção de PcDs em casa sem acesso ao estudo, trabalho e vida social. Serve para justificar ações violentas de eliminação do outro, macular a pureza identitária para resolver os problemas e reduzir as oportunidades de avanços.

Uma das pistas que nos indicam que as representações de cunho pejorativo persistem na sociedade foi materializada em um guia prático elaborado pelo governo brasileiro¹³ com o objetivo de orientar a população com recomendações básicas sobre o discurso adequado para falar com a PcD ou se referir a ela. Este tipo de recomendação é compartilhado nas RSDs, ampliando a discussão sobre um discurso que evidencie uma percepção social da deficiência, que alguns denominam de politicamente correto. Paradoxalmente pode se configurar como uma necessidade de reconfiguração dos imaginários sociodiscursivos na medida em que orientaria a

13. O guia compõe o primeiro conjunto de documentos encontrados na coleta genérica realizada através dos motores de busca na internet conforme descrição no capítulo I. Disponível em <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-com-deficiencia>.

sociedade. Por outro lado pode ser considerado também uma “armadilha” já que tenta disciplinar um discurso, o que contribuiria, mas não garantiria consequências imediatas nas barreiras atitudinais cotidianas. O guia a seguir parece sintetizar parte da nossa percepção sobre a memória discursiva da sociedade sobre as PcDs.

Ao elencar, no seu lado direito, o NÃO USE, marcado com um X e em cor vermelha para indicar a proibição, aqueles termos que devem ser evitados, recapitula grande parte do que foi usado, discursiva e culturalmente, por séculos em todo o mundo: deficiente, inválido, doente, excepcional, necessidades especiais e defeituoso são alguns exemplos do que os movimentos em defesa dos direitos das PcDs buscam substituir. Já o lado esquerdo, com sinal de permitido e em verde, traz as novidades dos últimos anos, fruto do trabalho de movimentos políticos em uma proposta de imaginário social que já circula e que se pretende consolidar para as PcDs: pessoa com deficiência, e necessidades específicas são algumas das principais indicações.

 NÃO USE	 USE
Deficiente, inválido, doente e excepcional	Pessoa com deficiência
Portador de síndrome de Down, retardado e portador de retardamento mental	Pessoa síndrome de Down
Doença genética	Condição genética
Pessoa especial, com necessidades especiais	Necessidade específicas
Trabalhadores com deficiência são melhores, pessoas com síndrome de Down são anjos, ingênuos e carinhosos	Evite estereótipos
Defeituoso, condenado, erro genético e anomalia	Palavras positivas ou neutras
O risco de ter uma criança com síndrome de Down	A probabilidade / as chances de ter uma criança com síndrome de Down



Viver sem limite
Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência

Secretaria de
Direitos Humanos



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAIS RICO E PAIS SEM POBREZA

Fonte: Guia Viver Sem Limites

(<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-com-deficiencia>)

O Dia Internacional dos Direitos Humanos em 2006 marcou a adoção pela Organização das Nações Unidas (ONU) da Convenção sobre os Direitos das *Pessoas com Deficiência*, que seria assinada em 2007 e passaria a valer no Brasil oficialmente a partir de 2008. Vinte e cinco anos antes, o Ano Internacional da *Pessoa Deficiente* também representou um momento muito importante, a partir do qual, considera-se que as PcDs passaram a ter o respaldo internacional, do ponto de vista do direito, para a promoção efetiva da cidadania. No aspecto discursivo, percebe-se uma mudança de pessoa deficiente para pessoa com deficiência nos dois documentos.

A terminologia acompanha, assim, as reivindicações dos movimentos políticos, garantindo legitimidade à luta em todo o mundo, ainda que alguns países não façam valer, na prática, o conteúdo dos documentos. A constituição federal brasileira, promulgada em 05 de outubro de 1988, já apresentava garantias importantes, tais como a proibição de discriminação de salário e de critérios de admissão do *trabalhador portador de deficiência*, além de reservar vagas em concursos e empregos públicos para as PcDs. É considerada um dos documentos brasileiros, que são inspirados em duas importantes referências internacionais: a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Note-se que portador de deficiência poderia despertar efeitos de sentido como carregar dando a ideia de que é possível entregar a alguém, retirar, deixar em algum lugar ou transportar por um tempo. O sentido de temporariedade não condiz com a condição da pessoa que nasceu com a deficiência ou a adquiriu em caráter permanente.

A primeira declaração, como se sabe, uma referência mundial, diz respeito ao homem que busca se libertar do absolutismo monárquico do século XVIII. A isonomia, nesse documento, é pensada para a sociedade como um todo, sem haver especificação sobre a PcD. Em seu artigo primeiro, manifesta o tom que perpassa todo o documento símbolo da Revolução Francesa, isto é, os direitos do homem como universais, um enunciado que é tomado como referência até os dias atuais: “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos”. Quase três séculos depois, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos teria sido o primeiro documento internacional a usar a palavra pessoa e a pensar especificamente naqueles que tenham algum tipo de deficiência provocado por

doenças ou situações de *invalidez*, palavra que permanece em uso até os dias atuais na legislação de diversos países.

Ainda como contribuição à abordagem da diferença e suas implicações nas relações sociais e educacionais, lembramos que o documento referência da Conferência Nacional da Educação 2014 trouxe como uma das temáticas centrais a diferença e a diversidade. Ambas seriam os pilares para a educação nacional inclusiva em um conjunto de representações que demonstram alguns anos de lutas de movimentos políticos: “A diversidade, como dimensão humana, deve ser entendida como a construção histórica, social, cultural e política das diferenças que se expressa nas complexas relações sociais e de poder¹⁴”. O documento pede respeito às minorias e cita aquelas que trabalham com frequência para a conquista de direitos e contribuem para a ampliação de políticas públicas em prol da diferença. Entre elas, os quilombolas, os negros, as mulheres, a comunidade LGBT, as pessoas com deficiência, entre outras. Notamos a presença de representações associadas à diversidade e à diferença em consonância com imaginários da modernidade, que visam transformar situações negativas, consolidadas, discursiva e politicamente, em benefício dessas comunidades.

14. Disponível em http://fne.mec.gov.br/images/pdf/documentoreferenciaconae-2014publicacao_numerada3.pdf.

CAPÍTULO 3

Estereótipos

FAZEMOS AGORA um registro sobre estereótipos comumente associados a sentidos pejorativos a partir de exemplos coletados em nossas observações etnográficas. Para a análise do discurso, o estereótipo, como representação coletiva cristalizada, é uma construção de leitura (AMOSSY, 2011). O sujeito recuperaria, no discurso, elementos dispersos em lacunas, permitindo a sua imersão em função de um modelo cultural.

Por um lado, o estereótipo depende do julgamento de um sujeito e, por isso, costuma ser associado a uma não-verdade, o que acentua o seu aspecto negativo. Por outro lado, devemos levar em consideração que as caracterizações que ajudam a compor um estereótipo estão relacionadas a um grupo ou a grupos sociais e podemos assumir que parte do que está sendo representado pode refletir, em certa medida, uma “verdade” parcial, a partir de generalizações, mas que talvez tenha tido validade em algum momento, em algum ambiente ou em alguma situação específica. Talvez essa representação seja cristalizada por um longo período, mas os elementos que a sustentam podem se dissipar na medida em que provoquem

questionamentos sobre certas “verdades”, que se tornam especialmente problemáticas do ponto de vista social quando associam atributos pejorativos a pessoas ou comunidades.

A circulação dos estereótipos ocorre de maneiras diversas através da produção semiótica de uma comunidade em produtos tais como livro, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade, mídia tradicional, como o rádio, a televisão e o jornal, além, obviamente, da Internet e das RSDs. Com Maingueneau (2011, p. 72), lembramos que: “Caráter e corporalidade do fiador apoiam-se, então, sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar”.

Os estereótipos, os clichês e os lugares-comuns são formas adotadas pela *doxa* ou o “conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomada, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (AMOSSY, 2008, p.176). Somente a título de ilustração desse pensamento escolhemos três vídeos, que tiveram *efeito viral*¹ nas RSDs, relacionados às diferenças.

Vejamos primeiro o estereótipo do *negro bandido* e da *loira rica*. A cena se passa em um elevador no qual está uma mulher branca e loira. Quando um homem negro entra no elevador, a mulher segura com firmeza a bolsa com medo de ser assaltada. Passam-se alguns segundos enquanto chegam ao destino. São duas versões para o mesmo tema. Em uma versão em língua inglesa e legendas em português um homem “fala” mentalmente sobre o preconceito contra negros em elevadores: “A cada 45 segundos, um homem negro entra em um elevador. E uma branquela estúpida segura a bolsa como se fosse a própria vida”². Ao fundo a mulher demonstra medo sem dizer uma palavra.

1. *Viral* é o nome que se dá para o efeito de compartilhamento em larga escala na internet. Vem de vírus, que costuma afetar pessoas sem que elas queiram. Acredita-se que algumas pessoas compartilham esses conteúdos sem necessariamente saber em detalhes do que se trata. Vídeos, principalmente de humor, tendem a se tornar viral. Em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram* e *Pinterest* fotos costumam fazer sucesso.

2. <https://www.youtube.com/watch?v=d9eokEretqc#t=22>

Em uma versão brasileira desse vídeo um rapaz negro está no elevador quando entra uma moça loira. Ele fantasia mentalmente várias sequências sobre o que ela pode pensar a partir do estereótipo *pobre ladrão*. Nenhuma delas faz menção direta à cor. O tema é abordado pelo viés do suposto *status* social. Em uma das cenas imaginadas, um porteiro também negro socorre a moça quando ela faz a denúncia de assalto. Ao final, fora da imaginação e de volta ao elevador, a moça saca uma arma da bolsa e leva o dinheiro que estava com o rapaz. Diante do susto dele, ela conclui:

- Mas você é assaltante?

- O que é que tem? Só porque eu sou mulher, bem vestida e tenho cara de boazinha? Puta preconceito!³

Em sua fala final a mulher reúne vários atributos, alguns subjetivos, que, em princípio, pelos imaginários sociais, não a credenciarão para ser assaltante: mulher, bem vestida e cara de boazinha. Percebe-se a tensão entre os imaginários que permeiam os enunciados do homem sobre a mulher branca e os que constituem os enunciados dela.

Em outro exemplo sobre estereótipos, um grupo de “gays e amigos héteros”, como eles mesmos se apresentam, cria um canal de vídeos cujo contrato principal baseia-se no humor. Um dos vídeos produzidos reúne as representações sobre homossexuais em uma lista que vai sendo apresentada por vários deles em sequências cujas visadas são de entretenimento. Em resumo, o vídeo traz a seguinte argumentação, sempre iniciada pelo “Não é por eu ser gay que eu necessariamente”... “me depilo, que eu tenho barriga tanquinho, que eu falo miando, que eu tenho um poodle, que eu sou um desperdício, que eu falo aloka ou arrasa (até falo: arrasa!), só ouço Madonna(...)”⁴. Vários enunciados vão desconstruindo representações que estariam cristalizadas na sociedade e que depreciam os homossexuais a partir de vários pontos de vista tais como a aparência física, o estilo, a profissão, a relação familiar. Os sujeitos polifônicos homossexuais revelam que, mesmo em um grupo que reúne características similares e interesses em

3. <https://www.youtube.com/watch?v=1HnZq2KCLHU>

4. www.youtube.com/user/canalpoenaroda

comum e que pode ser considerado por uma comunidade, há diversidade e singularidades que preservariam as identidades individuais, um *enjeu*, nas palavras de Charaudeau, ou expectativas esterotipadas, no nosso exemplo.

A maneira como uma pessoa percebe e representa o mundo costuma ser bastante distinta da outra. Ainda que pareça óbvio, devemos lembrar que estar em um mesmo grupo social, pertencer à mesma família ou trabalhar em conjunto, isto é, frequentar lugares, participar de eventos, compartilhar informações e modos de vida pode trazer à tona algumas coincidências no modo de olhar e de julgar o mundo. As narrativas sobre esse mundo vivido, no entanto, tendem a ser fragmentadas, conduzidas por um recorte singular. Podemos inferir que cada sujeito atribui outro conjunto de elementos que pertencem somente a ele, mas que também negociam com a sociedade e toda a sua complexa rede de relações. Seria difícil precisar quantos e quais elementos estariam nessa lista. Mas podemos imaginar, por exemplo, relações abstratas que o sujeito vai criando a partir do seu passado, da sua vida presente e da expectativa do futuro. O *savoir-faire* ou a habilidade para o *saber fazer social* está longe de ser explícito ou até mesmo explicável em seus detalhes. Uma parte considerável funciona com um imaginário coletivo que reúne também elementos intraconscientes (Vion, 1992).

Vamos a outro caso. Uma associação francesa⁵ que objetiva mudar a maneira como a sociedade vê e representa as PcDs convidou pais e filhos para assistir vídeos⁶ com pessoas simulando caras engraçadas. Ambos reproduziam naturalmente essas caretas quando as viam no vídeo, como mostram as figuras 4 e 5, no exemplo a seguir.

5. <http://www.assonoemi.fr/>

6. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WB9UvjnYO90#t=72>.



Figuras 4: Reprodução de caretas de neurotípicos I
Fonte: Assonoemi



Figura 5: Reprodução de caretas de neurotípicos II
Fonte: Assonoemi

A segunda imagem (figura 5) mostra mãe e filha reproduzindo, em momento que nos parece de descontração e humor, as caretas feitas na cena anterior por uma mulher (figura 4). Na segunda sequência de vídeos, as PcDs apareceram e se manifestaram naturalmente diante das câmeras. Vejamos o exemplo nas figuras 6 e 7.



Figura 6: Reprodução de caretas de neurotípicos III
Fonte: Assonoemi



Figura 7: Reprodução de caretas de neurotípicos IV
Fonte: Assonoemi

Na primeira cena dessa sequência (figura 6), uma PcD está diante da câmera sorrindo com o dedo no nariz e, na segunda cena, a criança imita a expressão facial enquanto a mãe fica parada observando. Notamos, na figura 7, que o adulto demonstrou certo constrangimento ou incerteza se deveria ou não continuar participando da brincadeira.

Figueiredo, que estudou os imaginários sociodiscursivos sobre a surdez, percebeu que é importante reconhecer e respeitar a diversidade mesmo em um grupo no qual em uma análise superficial possa se supor que seja homogêneo, como um grupo de surdos. Os participantes da pesquisa por ele realizada que reuniam características identitárias similares se manifestaram de forma diferenciada intercalando visões particulares de mundo a cada situação comunicativa. “Isso significa que há uma margem de manobra e liberdade para os sujeitos compreenderem a realidade de modo diferente de seus pares e também da mídia”, concluiu o autor (Figueiredo, 2013, p. 291). A nosso ver essa margem de manobra pode ser significativa na sociedade contemporânea se levarmos em consideração a diversidade e as vivências múltiplas e fragmentadas, além de identidades distintas de um mesmo sujeito.

Vion (1992) reflete sobre as maneiras através das quais pode ser tratada a problemática de saberes partilhados e da singularidade dos imaginários de cada sujeito. Em suma, as ideias do teórico podem ser explicadas a partir dos seguintes pressupostos. Os sujeitos de uma mesma comunidade cultural e de comunidades diferentes estão afeitos à existência de um conhecimento comum de maneira consciente e inconsciente; todavia, a maneira como os conhecimentos são adquiridos e estruturados diferem de um sujeito para outro.

Assim, os saberes partilhados dão a ideia de que os objetos e o mundo podem ser percebidos a partir de pontos de vista diferentes, com níveis distintos de generalidade e de conotações. É preciso sempre levar em consideração que um sujeito não dispõe do mesmo conhecimento sobre um domínio que, para outro, pode parecer bastante familiar. A divergência sobre os domínios é constante na vida social. Advêm daí, na perspectiva de Vion (op.cit), projeções individuais diferenciadas para o mesmo tema. Vejamos exemplos.

Duas piadas de um humorista foram objeto de comentários e compartilhamentos nas RSDs. No espetáculo *A Arte do Insulto*, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) foi citada diretamente e os alunos chamados de “retardados” na seguinte situação: “Um tempo atrás eu usei um preservativo com efeito retardante ... Efeito retardante... Retardou... Retardou... Retardou... Tive que internar meu pinto na Apae... Tá com-

pletamente retardado hoje em dia⁷”. E a partir desses enunciados, passou a usar uma voz distorcida, imitando pessoas que não têm o desenvolvimento típico da fala, como se ele próprio fosse uma pessoa com deficiência intelectual ou retardado, como disse na piada. A segunda vez em que se referiu, em seu show, às pessoas com deficiência o humorista se posicionou contra a fila preferencial. “As pessoas na cadeira de rodas... Ah, fila preferencial! Haha, adivinha, amigo, você é o único que tá sentado. Espera quieto! Cala essa boca!⁸”.

A plateia presente ao show ou pelo menos parte dela pontua cada piada com gargalhadas, demonstrando compartilhar um acordo de práticas sociais que reconhece o estatuto da piada e as proposições do humorista, alimentando a contrapartida para que o show continue com o estilo proposto pelo interlocutor, seguindo as instâncias de produção (CHARAU-DEAU, 2008a). Tal contrato é um componente importante na tentativa de compreensão de parte da identidade dos parceiros na interação. Ou seja, no caso específico, o humorista e a plateia estariam sendo legitimados na situação de troca na qual se encontram, em um cenário adequado para uma *mise en scène* bem sucedida.

Esses parceiros da interação estariam ligados em uma espécie de aliança objetiva que lhes permite coconstruir sentidos e se legitimar. É importante que nos lembremos aqui das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras. Em um show pago em um teatro fechado, vários componentes corroboram a influência do comediante. Se a plateia do show compartilhou as normas desse ritual sociolinguageiro, o humorista, que já se envolveu em várias situações polêmicas, encontrou outros parceiros que não estavam disponíveis para aceitar esse contrato. A campanha #falapramimrafinhabastos⁹ foi uma manifestação discursiva de pessoas com deficiência à piada supracitada. Por meio de cartazes perguntam a ele qual é a graça de fazer piada chamando-os de retardado, como mostra a imagem a seguir.

7. DVD do humorista Rafinha Bastos disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=emVpYtChhbQ>

8. DVD do humorista Rafinha Bastos disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=emVpYtChhbQ>

9. <https://www.youtube.com/watch?v=bnrqtScwGB0>

Blog Ativo

Curta e Compartilhe

0 0 0 0

Twitter Curte Compartilhe

Curta nossa FanPage Receitas Hoje

Encontre-nos no Facebook

60.236 pessoas curtiram Post.



Plug-in social do Facebook

Categorias

- Beleza
- Celebridades
- Comportamento
- Curiosidade
- Destaque
- Dica
- Dinheiro
- Entretenimento
- Filme
- Foto
- Humor
- Informação
- Internet
- Mulher
- Música
- Notícias
- Novela
- Novidades
- Relacionamentos
- Saúde
- Tecnologia
- Televisão
- Vídeos

Novidades!

- ENTENDA A MENTE MASCULINA DE UMA VEZ POR TODAS!
- COMO RODAR FILME COM LEGENDA NO ANDRÓIDO
- LOVE NALL: APLICATIVO PARA QUEM GOSTA DE UNHAS DECORADAS

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MANDAM RECADO PARA RAFINHA BASTOS EM VÍDEO

Em seus vídeos e apresentações Rafinha estaria ofendendo todo tipo de pessoas com deficiência, veja o recado que os deficientes mandaram para ele.

Você deve se lembrar da ação que a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) iniciou em janeiro de 2012 contra o humorista Rafinha Bastos. Em seus vídeos e apresentações Rafinha estaria ofendendo todo tipo de pessoas com deficiência.

Infelizmente, sim, eu digo infelizmente, em janeiro de 2014 ele ganhou a causa em primeira instância. A decisão do juiz não agrudou nenhum pouco deficientes e parentes dos mesmos que reivindicaram através de vídeos que estão sendo divulgados na web.

A Revolta

O publicitário Alexandre Peralta é um dos criativos por trás da concepção dos vídeos, e ele manda o seu recado: "Já que esse resultado sinaliza que ele pode continuar fazendo o que quiser, chamando as pessoas com deficiência de retardados, por que ele não fala direto para eles?". "Esse é um movimento meu, em pessoa física, com outros pais e colegas. A APAE não tem nenhum envolvimento com esse filme", ressalta.



O filme da campanha, foi postado ontem (25) de fevereiro no canal do Youtube, o teor do vídeo mostra pessoas com deficiência pedindo que Rafinha Bastos os chame de retardados. Ele foi feito com vários pequenos vídeos e a ideia, segundo a descrição, é fazê-lo cada vez maior, à medida que mais gravações forem enviadas.

Frases Insultantes Contra Pessoas Com Deficiência

“Um tempo atrás eu usei um preservativo com efeito retardante... Efeito retardante... Retardos... Retardos... Não que interar meu pinto na Apas... Tô completamente retardado hoje em dia”.

“As pessoas na cadeira de rodas... Ah, fãla preferencial! Haha adivinha amigo, você é o único que tá sentado. Espera quieto! Cala essa boca!”.

Figura 8: Campanha #falapramimrafinhabastos

Fonte: Blog Ativo¹⁰

A reação desse grupo, por sua vez, provocou outras reações de usuários de RSDs. Um dos leitores do blogue supracitado, por exemplo, protestou contra o que ele chamou de discurso politicamente correto, que reduziria a espontaneidade do humor, e para o qual encontrou empatia nos depoimentos de outros internautas. Mas o editor do blogue apresentou outro argumento após o comentário do usuário, conforme imagem a seguir, sendo essa sequência de enunciados típica da *mise en scène* nas RSDs, na qual vários atores de grupos sociais distintos se envolvem em um debate. Vejamos a seguir.

10. <http://www.blogativo.net/?p=5935>

O pior de tudo foi ver esse comentário insignificante na descrição do vídeo:



"Politicamente corretos" não! Nós temos respeito, e prezamos nossa dignidade caro amigo Fernando Santos!

Mais Artigos Interessantes

- Colocar Silicone
- Simulado Online
- A chave do Emagrecimento
- Receitas para aumentar a massa muscular
- Como conquistar um Homem
- Estratégias para aumentar os seios Naturalmente
- Como detectar uma Traição

Deixe uma resposta

O seu endereço de email não será publicado. Required fields are marked *

Figura 9: Reação Campanha #falapramimrafinhabastos

Fonte: Blog Ativo¹¹

No exemplo encontramos uma controvérsia que parte de um evento fora da Internet (um DVD e um espetáculo em teatro) e se desloca para as RSDs. A piada, apoiada em imaginários de pessoa com deficiência “retardada” e pessoa com deficiência “folgada”, e a polêmica por ela provocada, circularam da sociedade para as redes, com o rompimento de fronteiras entre o mundo “real” e “virtual”. Vemos, desse modo, como os imaginários são fluidos e variam entre os ambientes. No show, humorista e público compartilharam imaginários concordantes; nas RSDs humorista e PcDs transitaram em imaginários discordantes com a criação da campanha #falapramimrafinhabastos e, por fim, no blogue, houve manifestações divergentes de autores da postagem e de leitores.

11. <http://www.blogativo.net/?p=5935>

Retomando a relação entre os saberes, que nos parece presente no caso supracitado, em um primeiro momento, poderíamos atribuir às suas duas grandes categorias – de conhecimento e de crença - uma oposição. Entendemos, no entanto, que elas estão em tensão frequente, buscando um lugar de equilíbrio para que o sujeito consiga dar conta de viver o mundo e viver no mundo e, simultaneamente, representar a si próprio, o outro e o próprio mundo. Parte da ambiguidade dessa relação está localizada na proporção entre os dois eixos desses saberes.

Outra questão que nos parece relevante é a relação com o passado, que levaria o sujeito a evocar por meio de *efeitos de reconhecimento retrospectivo* o vínculo entre a sociedade e a história, em seus aspectos mais particulares assim como nos mais amplos. A vivência passada ganharia, ao longo do tempo, uma *aura*. A partir dela colocaria em evidência a relação entre esse passado e a identidade do sujeito e o seu princípio de alteridade por meio da diferença (AUGÉ, 1994).

As representações de sujeitos ou grupos sociais compõem memórias coletivas que reúnem, na nossa percepção, um conjunto, em permanente atualização, de ideias, impressões, conhecimentos e reminiscências. Com Machado (2013), entendemos que é como se, para organizarmos o presente e pensarmos no futuro, não desprezásssemos o passado, mas o reinterpretássemos, adotando novas ideias e associando a elas adornos e detalhes que podem escapar ao coletivo, mas compõem a singularidade de cada um.

Por outro lado, se as gerações anteriores consideravam a coletividade uma referência para a existência individual, hoje acompanhamos a convivência entre duas tendências ambíguas - a coletividade e o individualismo que, para Charaudeau (2011), se devem a um encontro entre os imaginários que circulam nas instâncias do discurso político. A convergência entre esses imaginários daria origem ao *direito das pessoas*, que estaria, substituindo, paulatinamente, o *direito dos povos* na chamada consciência cidadã. Esse processo, por seu turno, apresenta implicações para a consciência cidadã na medida em que agiria como se fosse necessário se redimir de certa culpa pela proximidade do individualismo exacerbado com o egoísmo. Desse modo, geralmente, as vítimas de excessos praticados na sociedade seriam beneficiadas por um discurso de compaixão.

O individualismo, se percebido como particularismo do imaginário da soberania¹², desvela o conflito que atravessa a maioria ou todos os grupos sociais: o universal e o local. Desse modo, o individualismo transita por temáticas mundiais, como grandes desastres ambientais ou ataques terroristas, e locais como protestos por aumento de ônibus ou por centro de saúde em sua comunidade.

A interpretação, a construção ou a representação da realidade é sempre uma busca constante dos sujeitos na sociedade e dos pesquisadores de disciplinas diversas. Através da *mise en scène*, como vimos, constituem-se efeitos de sentido e efeitos de verdade.

Comunicar é proceder a uma encenação. Assim como na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir *efeitos de sentido* visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor”. (Charaudeau, 2008a, p. 68)

Preocupado com a fragilidade da verdade e com a diversidade de relações que atravessam comunidades e instituições e, que a nosso ver, estabelecem relação direta e indireta com a projeção dos imaginários sociais, Vizer (2011) desenvolveu uma metodologia com variáveis analíticas sobre as múltiplas dimensões que compõem a vida social, que resumimos a seguir: 1) Eixo de práticas e ações instrumentais; 2) Eixo de organização política; 3) Eixo normativo-valorativo; 4) Dimensão espaço-temporal; 5) Dimensão de vínculos de associação interpessoal; e 6) Dimensão cultural.

O eixo de práticas e ações instrumentais inclui as condições de vida e as relações com os meios, as necessidades básicas e os bens de consumo ou os recursos necessários para a estruturação, funcionamento e transformação de um sistema. O segundo eixo, de organização política, está relacionado ao primeiro, na medida em que reúne as instâncias formais como o Estado, a hierarquia, e as suas práticas de democracia, igualdade/desigualdade, mecanismos e organismos de controle e processos de legiti-

12. A soberania é um dos três grandes imaginários na instância política, de acordo com Charaudeau (2011). Os outros dois são a tradição e a modernidade.

mação. O eixo número três diz respeito às normas e valores em seu sentido informal e uma perspectiva horizontal das relações sociais como igualdade e direitos à diferença entre indivíduos, grupos e setores sociais. Na quarta dimensão está a concepção da vida social como “realidade material e simbólica” ou processos temporários em diferentes espaços e territórios como a apropriação do espaço natural ou a ocupação de espaços urbanos. Os vínculos e os laços sociais e de parentesco marcados pela emoção e pelo sentimento estão na quinta dimensão. E, por último, encontram-se as narrativas, as cerimônias e os rituais, que compõem a dimensão cultural.

Assim, cada grupo social estrutura seus próprios imaginários de si e dos outros e vai, em *encontros sociais*, com outras comunidades, moldando o que foi construído, negociando o que será mantido e articulando pequenas mudanças ao longo do tempo em um jogo dialógico incessante e automatizado.

Na circulação e na estruturação dos imaginários a tecnologia sempre teve um papel de destaque, afinal, por meio dela desenvolvem-se novas formas de comunicação e de circulação dos imaginários sociais e socio-discursivos. Não se trata de um fenômeno recente como se pode supor em função das facilidades de conexão da Internet e das RSDs. O que ocorre agora é uma diferenciação do ponto de vista da instantaneidade:

Essa não é a primeira época na história dos povos em que as cosmovisões – como fontes de formação de sentido – se universalizam, na forma de grandes religiões, ou como impérios. Mas sim é a primeira vez que esse processo se dá praticamente instantâneo e global por meio da tecnologia, e especialmente pelas denominadas Tecnologias da Informação e da Comunicação (VIZER, 2011, p. 33).

A tecnologia, com sua instantaneidade, contribui para o prolongamento da relação entre os três tempos: presente, passado e futuro, na medida em que proporciona novos modos de ver e de narrar o mundo, com os *efeitos de sentido* manipulados tecnicamente por cada sujeito. Com um celular em mãos é possível não só registrar (tomar notas, gravar áudios e vídeos ou fotografar) um episódio como revê-lo em outro momento. É possível compartilhá-lo (com amigos ou de maneira pública para quem quiser ver) que não tiveram a mesma oportunidade e cada um pode im-

primir outros ditos ao editá-lo, ao intensificar os efeitos de cor e de luminosidade, por exemplo, ou recortar os *melhores momentos* ou aqueles que despertaram mais emoção. Vejamos um exemplo:



Figura 10: Efeitos de sentido manipulados tecnicamente

Fonte: Deficiente Ciente¹³

Como percebemos (figura 10), a tecnologia permite promover, efeitos de sentido que não estariam no campo do previsível, acrescentando estímulos para representações patêmicas. No exemplo, não seria possível, do ponto de vista da mobilidade e do deslocamento, para um cadeirante, estar na posição de saltar de um penhasco sozinho. As funcionalidades técnicas, no entanto, permitem o congelamento daquele instante em um cenário cujos elementos naturais são predominantes e no qual a cadeira de rodas se torna um detalhe, uma marca de que uma PcD participou de tal façanha.

Assim cada sujeito *edita* ou recorta fragmentos de narrativas, como se uma cena fosse o que gostaria de revelar sobre um tema, uma pessoa ou um evento.

As representações sociodiscursivas são como mini-narrativas que descrevem seres e cenas de vida, fragmentos narrados (Barthes dizia “parcelas

13. <https://www.Facebook.com/116159961796973/photos/pb.116159961796973.-2207520000.1424289107./706726162740347/?type=3&theater>

de discursos”) do mundo que revelam sempre o ponto de vista de um sujeito. Esses enunciados que circulam na comunidade social criando uma vasta rede de intertextos se reagrupam constituindo aquilo que chamo de um “imaginário sóciodiscursivo”. Eles são o sintoma desses universos de crenças compartilhadas que contribuem para construir ao mesmo tempo um eu social e um eu individual (por exemplo, o imaginário da falta, do pecado, do poder). (Charaudeau, 2007b, p. 06)

Na rede de intertextos citados pelo autor navegam valores diversos que podem ser agrupados em grandes categorias de imaginários socio-discursivos. Apenas para que tenhamos uma ideia podemos mencionar os imaginários sociodiscursivos analisados por Charaudeau (2011) no discurso político: a tradição, a modernidade e a soberania popular, como já sinalizamos. Em cada um deles há aproximação e afastamento entre as representações construídas pelo grupo social a partir dos valores compartilhados por eles, tais como liberdade, justiça, benevolência, sociabilidade, igualdade, harmonia, equilíbrio, tradição, democracia, seriedade, competência, bem-estar social, entre muitos outros.

Além de buscar e estabelecer os vínculos entre os valores, o sujeito mobiliza *redes referenciais* que suscitam o desencadeamento do estado emocional ou a sua ausência. Nesse sentido, ele reúne as linhas que, em conexão com os saberes, contribuem para construir os modos de ver, julgar, discriminar o outro e o mundo (Charaudeau, 2006). Essas redes referenciais vão sendo criadas cotidianamente, na nossa visão, a partir da circulação dos sujeitos que, por sua vez, estabelecem contato com os imaginários que também circulam e são cristalizados por meio da cultura, dos mitos, das cerimônias e rituais e das próprias identidades – tudo isso, associado aos elos afetivos que também vão sendo despertados, contribui para a constituição da percepção do mundo.

Assim como os pesquisadores, a comunidade em geral também se encarregaria de criar suas próprias cartografias, uma maneira de viabilizar certa estabilidade para se situar nos inúmeros territórios da vida. O resultado desses mapas sociais, vamos chamá-los assim, daria origem aos *dispositivos de interpretação* que guiariam os sujeitos em suas escolhas e estratégias de sobrevivência. “Em outras palavras, os dispositivos de interpretação e as estratégias que cada um constrói são o que nos permite construir a matéria da vida e a ‘realidade dos nossos sonhos’” (VIZER, 2011, p. 212).

Se a afetividade e a emoção podem ser consideradas linhas das redes referenciais podemos falar em crenças patêmicas? “A relação patêmica engaja o sujeito em um comportamento reacional segundo as normas sociais às quais ele está ligado, as que ele interiorizou ou as que permanecem nas suas representações”, resume Charaudeau (2007c, p. 5).

Para ser chamada de patêmica a representação deve despertar a sensibilidade dos sujeitos no sentido de elaborar um julgamento de valor coletivamente compartilhado sobre as pessoas ou alguns episódios que as envolvem. O teórico supracitado utiliza o exemplo do acidente da princesa britânica Lady Di, morta em um trágico acidente de carro em 1997, em Paris. O acidente é uma situação que exige cuidados e desperta nos leitores, em certa medida, emoções relacionadas com o sofrimento das vítimas e de suas famílias. Por outro lado, haverá sempre o julgamento sobre as causas, a possível responsabilização, o histórico das vítimas, a relação de parentesco ou de fama. Ao narrar o acidente, além de organizar os saberes de conhecimento e de crença, os sujeitos enunciadores se relacionarão, *grosso modo*, com a emoção que visam despertar, especialmente pela relação que se mantém com as vítimas.

Podemos pensar ainda em um acidente que provoque consequências como a deficiência de um dos envolvidos. Recentemente acompanhamos a repercussão de um acidente que vitimou a atleta Laís Souza, que ficou tetraplégica e os desdobramentos durante um ano sobre a concessão de pensão vitalícia à vítima.

Leitor 1: Lei favorecendo apenas uma pessoa é no mínimo demagogia.

Leitor 2: Meu Brasil Brasileiro, meu Brasil desigualdade social. e os demais como ficam? São tantos.

Leitor 3: Eu acho que é uma tremenda injustiça, a lei deveria ser estendida a TODOS afinal os cuidados básicos de um LM é caro e a maioria sequer tem condições de comprar uma cadeira de rodas descente.

Leitor 4: Todos devem ter o direito. Tenho 02 filhos com doença degenerativa e não temos direito a nada SÓ A MORRER. Tem algum deputado preocupado com isso?

Leitor 5: Lovavel a atitude, mas sempre t?em perguntas elas contribuía com a Previdência Social?

Leitor 6: Como dizia Millor: Há vales que bem pra mem. De fato agora temos precedentes pra entrar com liminares. Brechas são brechas! (www.deficienteciente.com.br)¹⁴

Indivíduos, com deficiência ou não, representaram a situação com carga patêmica intensificada, conforme exemplos dos comentários a uma postagem da rede *Deficiente Ciente*. Entre as tensões dos dois dispositivos e os seus movimentos contantes, a deficiência e as RSDs, a nadadora tetraplégica é objeto de outras reações patêmicas, no próximo caso, associadas à solidariedade e à compaixão. Um apresentador de TV que a entrevistou disse que a vantagem de se fazer tatuagem na condição dela é não sentir dor.



Figura 11: Reações patêmicas nas RSDs

Fonte: Pessoa com deficiência¹⁵

14. <http://www.deficienteciente.com.br/2014/12/senado-aprova-pensao-vitalicia-para-lais-souza.html#comments>

15. <https://www.Facebook.com/pessoacdeficiencia?fref=ts>

No exemplo mencionado (figura 11) evidenciam-se as reações dos usuários de RSDs, que nos apontam para representações distintas daquelas ilustradas no exemplo imediatamente anterior envolvendo a mesma protagonista.

ESTIGMAS

Os estudos de Goffman continuam sendo referenciais para a compreensão do estigma. Por isso e pela nossa concordância com a abordagem do autor essa seção será concebida com especial atenção aos seus escritos. Antes, porém, lembramos que uma vez mais o sujeito está no centro dos debates sobre os imaginários sociodiscursivos, a *mise en scène* e a conexão entre os dispositivos da deficiência e das RSDs. A emoção, assim como a subjetividade, é uma expressão espontânea do sujeito, fruto de um construto da sua história, de suas vivências e visões de mundo. O sujeito, como um todo, aliás, se concebido em uma perspectiva do construto social, seria:

(...) uma manifestação do desenvolvimento histórico da ordem social e das especificidades de cada cultura, suas crenças e valores sobre o que “deve ser” um indivíduo enquanto ser social, enquanto membro de uma cultura, de uma classe, de uma religião, enquanto construtor e portador de uma identidade. (VIZER 2011, p. 173).

Apesar de concordarmos com Vizer sobre os componentes identitários dos sujeitos preferimos falar em identidades múltiplas e não “identidade” como faz o autor. Se o sujeito é individual e coletivo, a construção de imagens de si está relacionada aos imaginários sociais. As representações que cada um faz de si e tenta transmitir ao outro certamente são dotadas de uma dose individual significativa, mas também, e principalmente, incorporam aquelas representações sociais circulantes na comunidade da qual o sujeito faz parte. As identidades sempre são construídas a partir da troca com os parceiros. Em algumas situações, a *mise en scène* de si pode parecer opaca e incoerente por permitir a prevalência das identidades sociais e não as individuais (AMOSSY, 2010).

Os perfis, especialmente os pessoais, mas também as páginas, conduziriam, em alguns casos, a um ponto íntimo do usuário nas RSDs. É ali, em

um canto reservado de um amplo território, quase como se estivesse em casa, que alguns indivíduos se constituem em suas alteridades discursiva e social, que não são necessariamente similares às que ele sustenta lá fora, em ambiente não virtual, propiciando uma extraordinária diversidade de textos, discursos e imaginários.

Numerosos textos [...] mostram o internauta deixando seu corpo para viver uma nova vida não corporal com diferentes mundos virtuais; outros apresentam o ciberespaço como um espaço social completamente independente da sociedade “real”, capaz de autorregular sem nenhuma intervenção, nem do Estado, nem mesmo do mercado; outros, enfim, imaginam que a circulação da informação nas redes mundiais produz uma reviravolta completa das regras da economia (FLICHY, 2001, p. 65).

E de que maneira esses mundos diferenciados, por vezes, autônomos em relação à “realidade”, contribuem para a cristalização de estereótipos e de estigmas? As noções de identidades, de representações do *eu* e de estereótipos estão na base da teoria de Goffman (1975), para quem, o estigma é o vínculo entre o atributo e o estereótipo.

Estigma é, para nós, com base neste teórico, um atributo depreciativo que ultrapassa a marca física ou intelectual, pessoal e singular, para um espectro coletivo. Um movimento amplo de linguagem e de relações sociais, que exporia a chamada normalidade humana e as sensações despertadas pelo oposto a ela. O próprio atributo que estigmatiza alguém confirmaria, hipoteticamente, a normalidade ou até mesmo o caráter humano do outro: “Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano”, diz GOFFMAN (1975, p.15). Quem não os considera humanos, de algum modo, se sentiria livre para discriminá-los - essa é a nossa interpretação. Cada sociedade define um conjunto de atributos considerados importantes para a coletividade e a partir dele consolida a noção de estigma.

O estigma pode ser abordado a partir de uma dupla perspectiva: o descredito versus o desacreditável. No primeiro caso, o indivíduo estigmatizado partiria do princípio que a sua distinção é evidente ou percebida pelos demais. No outro caso, o pressuposto é que a característica não é conhecida nem é perceptível pelos presentes. Um mesmo indivíduo pode

alternar as dimensões de acordo com a situação de comunicação na qual está envolvido. Goffman (1975) divide o estigma em três tipos resumidos aqui com os termos originais usados pelo autor: 1) abominações do corpo (deformidades físicas); 2) culpas de caráter individual (desonestidade, vícios, homossexualismo, tentativas de suicídio); e 3) tribais (raça, nação, religião). Sabemos que socialmente, em função da mobilização e das conquistas do Movimento LGBT, o termo homossexualismo não é mais usado para se referir à orientação sexual que nomeia o interesse e a atração sexual por indivíduos do mesmo sexo. O sufixo *ismo* é associado à patologia e nos dias atuais prefere-se homossexualidade. É compreensível a utilização desse e de termos como aberração, abominação, entre outros, no contexto sócio-cultural no qual o autor desenvolveu suas pesquisas. Note-se que essa é uma construção social ainda em curso. O dicionário Houaiss (2009), por exemplo, ainda mantém homossexualidade (condição de homossexual) como sinônimo de homossexualismo (prática de relação amorosa e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo). Sobre os outros termos relacionados a pessoas com deficiências os veremos em detalhes mais à frente.

Com a sua suposta normalidade, indivíduos não estigmatizados levariam a cabo uma espécie de *ideologia da inferioridade*, ou seja, uma tentativa de explicar teoricamente perigos, animosidades e discriminações calcados na diferença. A consequência pode ser nefasta, conferindo ao outro uma série de atributos de aspecto sobrenatural, que poderiam ser, por exemplo: o estigmatizado seria dotado de sexto sentido, percepção ou ainda sensibilidade espiritual, entre outras. Simultaneamente, esse jogo entre atributos desejáveis e não desejados pode provocar a redução das oportunidades e chances de vida do estigmatizado. Do ponto de vista sociodiscursivo, percebe-se a utilização de muitos termos referentes às PcDs, tais como aleijado e retardado, sem que se saiba ou se deseje saber a origem e o imaginário que as próprias PcDs projetam desses termos (Goffman, 1975).

A partir de Goffman (1975), lembramos que as relações sociais complexas e as relações discursivas permitem o surgimento da tensão entre a normalidade e a anormalidade, bem como da dicotomia dos comportamentos considerados padrão e daqueles exigidos dos estigmatizados:

A fórmula geral é evidente. Exige-se do indivíduo estigmatizado que ele se comporte de maneira tal que não signifique nem que sua

carga é pesada, e nem que carregá-la tornou-o diferente de nós; ao mesmo tempo, ele deve manter a uma distância tal que nos assegure que podemos confirmar, de maneira indolor, essa crença sobre ele. Em outras palavras, ele é aconselhado a corresponder naturalmente, aceitando com naturalidade a si mesmo e aos outros, uma aceitação de si mesmo que nós não fomos os primeiros a lhe dar. Assim, permite-se que uma *aceitação-fantasma* forneça a base para uma *normalidade-fantasma*. Deve ele aceitar tão profundamente a atitude do eu que é definida como normal em nossa sociedade e deve ser parte dessa definição a tal ponto que isso lhe permita representar esse eu de um modo irrepreensível para uma audiência impaciente que fica em semiprontidão à espera de uma outra exibição. (GOFFMAN, 1975, P.133).

As identidades sociais dos estigmatizados estão relacionadas a inúmeras relações que se constituem em comunidade. Vamos destacar alguns aspectos que nos auxiliam na compreensão dos imaginários sociais das PcDs sobre elas mesmas e dos demais sobre as PcDs, se é que é possível fazer essa distinção de maneira categórica e com limites demarcados.

Goffman (1975) resumiu essas relações sociais da seguinte maneira: 1) as crenças sobre as identidades seriam iguais às dos demais indivíduos, o que poderia provocar a sensação de normalidade, um ser humano como outro qualquer; 2) a despeito do que os outros dizem, eles não o aceitariam e não estariam dispostos a considerá-lo como igual em suas relações; 3) o seu atributo poderia ser percebido como “impuro” e a vergonha torna-se uma possibilidade constante; 4) autoexigência e ego seriam permanentemente revistos quando da presença constante de não estigmatizados; 5) autoódio e autodepreciação têm lugar na solidão do estigmatizado diante de um espelho; 6) aceitação ou dificuldade daqueles que mantêm relação com o estigmatizado de garantir respeito e consideração; 7) a “correção” do “defeito” a partir de cirurgias e procedimentos médico-científicos. Na maior parte das vezes o estigmatizado promoveria uma reconfiguração do seu ego, não alcançando, porém, o *status* de “normal”; 8) a vitimização pode se dar nas condições extremas a que o estigmatizado está disposto a chegar para alcançar determinada condição que deseje como a “correção” de um atributo, por exemplo; 9) o estigmatizado pode tentar compensar a sua condição ao dedicar grande esforço a atividades

que, em tese, não seriam para ele como esportes ou atividades de risco; 10) o estigma poderia ser considerado uma proteção emocional para ganhos secundários; 11) o estigma seria percebido como uma bênção secreta pois o sofrimento pode ensinar sobre a vida e sobre outras pessoas; 12) o estigmatizado pode reafirmar as limitações dos outros; 13) a deficiência seria considerada uma desculpa; 14) o estigmatizado seria orador para falar em nome dos estigmatizados e não estigmatizados; 15) o estigmatizado seria um herói da adaptação que merece até recompensa pública.

Todas essas relações mencionadas por Goffman (op.cit) podem se desdobrar, a nosso ver, em outras infinitas, dependendo das identidades individuais, da situação de comunicação, da comunidade e das variáveis analíticas da vida cotidiana (Vizer, 2011), que refletem na projeção dos imaginários sociais. Não podemos desconsiderar nesse cenário o individualismo típico dos tempos atuais, como fruto dos imaginários e em conexão com a vida cotidiana em suas instâncias políticas.

Identidades e estereótipos estão em permanente negociação e ambivalência. A aproximação do estigmatizado com os demais pode gerar no primeiro a sensação de normalidade a partir da ótica dos ditos normais. Os estigmatizados perceberiam que esses “normais” se comportariam de modo estereotipado, exibindo, de maneira extravagante ou desprezível os atributos negativos que lhe são atribuídos, de acordo com a perspectiva de Goffman (1975). Acrescentamos a essa abordagem a possibilidade dos “normais” ocultarem seus atributos negativos desenvolvendo comportamento similar ao dos próprios estigmatizados, conforme mencionamos acima.

A tendência de associar as PcDs a representações negativas também está presente na obra de Cameron (2007) que, por sua vez, acredita que as PcDs são representadas socialmente, algumas vezes, como seres patéticos ou tragicômicos, sinistros ou marcados pelo mal ou pessoas que demonstram bravura diante de suas próprias vidas e da deficiência. A morte está presente em mais duas representações de deficiência relacionadas por Nelson (2003). Ele entende que as PcDs seriam percebidas, algumas vezes, como pessoas que estariam melhor mortas ou que teriam um peso morto, que não teriam capacidade de vida social e nem mesmo de interagir com familiares e cuidadores.

Para Barnes (1992) são muitas as possibilidades de representação das PcDs¹⁶ na mídia. O autor enumera dez representações. Ele as considera estereótipos especialmente nos produtos da indústria cinematográfica: (1) pessoas dignas de dó; (2) alvo da violência de outras pessoas; (3) pessoas ligadas ao mal ou à criminalidade; (4) pessoas que potencializam a miséria e a degradação; (5) aleijados; (6) seres ridicularizados; (7) inimigos de si mesmo; (8) fardos para a família; (9) aberrações sexuais; e (10) pessoas incapazes de viver em sociedade.

Para resumir a reflexão apresentada e finalizar essa seção propomos um desdobramento para os imaginários sociodiscursivos a partir do esquema de Charaudeau (2009, p.8):

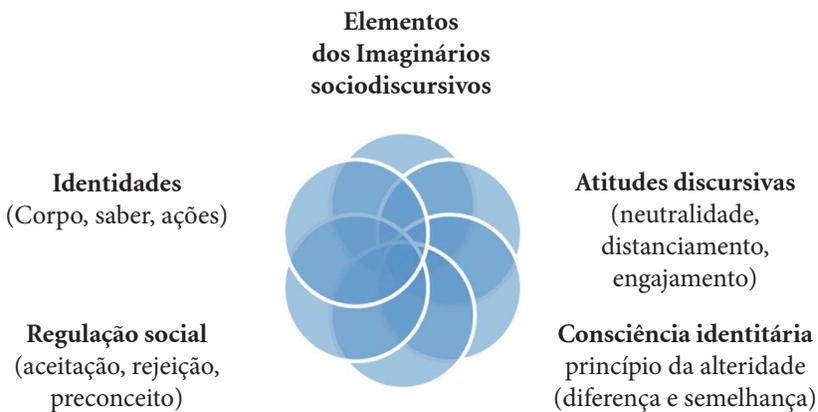


Figura 12: Elementos dos imaginários sociodiscursivos (Desdobramento dos imaginários sociodiscursivos a partir do esquema de Charaudeau (2009)

Elaborado pela autora

16. Para a representação de PcDs por professores especializados ver Oliveira (2004), que sistematizou as respostas da seguinte maneira: 1) Concepção individual da deficiência (atributo inerente ao indivíduo); 2) Concepção psicossocial da deficiência (decorrente de fatores sociais, emocionais ou educacionais); 3) Concepção interacionista da deficiência (complexa interação entre o indivíduo e a audiência).

A nossa ideia ao elaborar o desdobramento dos imaginários sociodiscursivos (figura 12) é mostrar como os diversos elementos que contribuem para a constituição desses imaginários sociodiscursivos estão imbricados e como os desdobramentos de cada um deles na conexão com os demais estão presentes nas encenações cotidianas e nas encenações nas RSDs.

CAPÍTULO 4

Experiências de pessoas com deficiência

LANÇAMOS por meio de blogues, *Facebook* e *Twitter* uma chamada para o cadastramento de voluntários. No escopo do nosso trabalho essa fase pode ser considerada como o momento colaborativo da pesquisa uma vez que houve a participação de interessados no debate sobre o tema e com a produção feita por eles. Para essa etapa nos baseamos na metodologia de Andrade (2013, p.11), que contou com bailarinos voluntários, da América do Sul e da Europa. A partir de uma prévia orientação eles registraram vídeos de improvisação em dança em espaços públicos cujo objetivo é perceber como o corpo experimenta a informação. Toda a investigação foi realizada pela Internet: do cadastramento à produção final. Assim, o trabalho realizado por eles abarca a informação, o corpo, o gesto, e o espaço como elementos de “uma mesma carne”. Seguimos algumas etapas dos procedimentos na Internet desenvolvidos pela pesquisadora, tais como a criação do blogue (figura 13) e do formulário para cadastrar os interessados em participar da pesquisa.

O primeiro passo dessa fase foi a elaboração de um texto informativo sobre a pesquisa para publicação no blogue citado cujo único objetivo

se traduz na divulgação desta etapa da pesquisa, como mostra a figura 13. Escolhemos um site que oferece hospedagem gratuita e disponibiliza templates ou modelos automáticos de design com cabeçalhos, cores, fontes, formatos e outros elementos a partir dos quais, em tese, qualquer pessoa poderia criar o seu próprio espaço. No dia 24 de maio de 2014 o blogue foi disponibilizado na Internet com acesso aberto ao público em geral. A arquitetura do blogue visou a simplicidade, com o conteúdo sendo distribuído da seguinte maneira: informação resumida sobre a pesquisa, o convite para os participantes, a divulgação de um formulário para o cadastramento dos voluntários, informação sobre a pesquisadora e um e-mail de contato, conforme esquema a seguir, que ilustra a circularidade do trabalho. Na página inicial do blogue foi publicado um resumo da nossa pesquisa nas bases nas quais ela se encontrava naquele momento:

Apresentação da pesquisa: “Teias Discursivas – a deficiência em discurso” é uma pesquisa acadêmica realizada por Sônia Caldas Pessoa. A pesquisadora é doutoranda em Análise do Discurso, bolsista da Capes, no Poslin, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação da professora Ida Lucia Machado, com projeto de pesquisa voltado para o discurso da deficiência nas redes sociais. É bolsista do CNPQ em estágio doutoral na Universidade Paris-Est Créteil, em Paris, sob orientação do professor Dominique Ducard. O objeto da pesquisa é o discurso sobre a deficiência em redes sociais digitais, produzido a partir de pessoas com deficiência e/ou seus familiares, pessoas que trabalham com deficiência e pessoas que têm relação direta ou indireta com a deficiência. A pesquisadora é editora do blogue <http://www.tudobemserdiferente.com>. (PESSOA, 2014)



Figura 13: Blogue Teias Discursivas
 Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Ainda na página inicial do blogue fizemos esclarecimentos sobre quem poderia participar da pesquisa a partir dos tópicos a seguir:

Como participar?

ETAPA 1: Preencher o formulário que nos permite coletar os dados para traçar o perfil dos participantes da pesquisa.

ETAPA 2: Registrar (de acordo com a informação repassada pela pesquisadora via e-mail) o que é deficiência para o pesquisado.

ETAPA 3: Responder um questionário com autorização para utilização dos registros na tese de doutorado da pesquisadora. (PESSOA, 2014)

O segundo passo dessa etapa colaborativa diz respeito à criação do formulário¹ para cadastrar os interessados em participar da investigação. Optamos, a exemplo de Andrade (2013), por um formulário *on-line* gratuito disponível no *site Jotform*, no qual é possível criar um documento a partir

1. O formulário, que está disponível no endereço <http://form.jotformeu.com/form/41472891635360>.

das necessidades do internauta. Inserimos algumas questões que contribuíram não só para o cadastro, mas também para a seleção dos participantes.

Os dados, que são confidenciais, nos apontaram pistas para conhecer um pouco do perfil dos voluntários. Entre as perguntas preenchidas pelos voluntários estão: 1) relação com a deficiência (pessoa com deficiência, profissional que trabalha com deficiência, familiar de pessoa com deficiência, simpatizante do tema deficiência, nenhuma relação com a deficiência); 2) gênero; 3) idade; 4) ocupação; 5) cidade e país de residência; 6) endereços dos perfis pessoais nas RSDs; motivação para participar da pesquisa.

A divulgação do convite para participar da pesquisa constitui o terceiro passo desta etapa. A seguir enviamos e-mail aos cadastrados da pesquisa com a confirmação do recebimento da ficha de inscrição, o aceite para a participação e a orientação a partir da qual eles produziram o conteúdo para o projeto. Foi dada uma instrução, considerando-se o fio inicial da rede a ser tecida pelos próprios usuários das RSDs a partir dos recursos e das possibilidades tecnológicas que cada um tivesse. Pedimos aos voluntários para produzir uma postagem para as RSDs na qual explicariam o que é deficiência para cada um deles.

Cem formulários foram preenchidos pelos interessados em participar da investigação. Desse total, 35 foram selecionados por atender à condição por nós proposta: *pessoa com deficiência ou que tenha relação pessoal ou profissional com a temática*. Dos selecionados, 13 apresentaram a produção no prazo de um mês estipulado e constam, portanto, desse projeto. Para entendermos melhor o perfil dos participantes voluntários relacionamos alguns dados que nos parecem indicadores de suas identidades. Seis são pessoas com deficiência, duas são profissionais que trabalham com PcDs, cinco são familiares de PcDs. Aqui torna-se importante um esclarecimento. Um dos participantes é um personagem, uma boneca criada por uma profissional que atua com PcD. Ela assina um blogue e perfis nas RSDs nos quais publica textos sobre as suas vivências como cadeirante e propõe reflexões sobre direitos e cidadania. Um dos voluntários se encaixa em duas categorias: é familiar e trabalha com PcD. Doze voluntários moram no Brasil e um em Portugal, logo todos são nativos em países de língua portuguesa e a produção foi feita nesse idioma. Houve uma participação maior do sexo feminino - oito pessoas no total - ao passo que cinco voluntários são do sexo mas-

culino. As respostas sobre o trabalho dos voluntários apresentaram informações variadas, tais como: administrador de empresas (1), boneca ativista de direitos de PcD (1), cuidador do próprio filho PcD (1), empresária (1), estudante (2), funcionária pública (1), interventor social (1), jornalista (3), psicóloga (1) e redatora e revisora de textos (1). A idade dos participantes varia entre a mínima de 13 e a máxima de 55 anos². Uma das perguntas feitas no questionário de cadastro foi “Qual a motivação em participar da pesquisa?”. Destacamos algumas respostas, sendo que a maioria delas diz respeito à colaboração com a pesquisa que envolva a temática da deficiência.

“Acho interessante que os especialistas entendam e, conseqüentemente, consigam mapear como é a relação da pessoa com deficiência com as redes sociais e a Internet”.

“Ajudar”.

“Auxiliar em pesquisas sobre as deficiências porque acredito no poder que elas têm de informar melhor para mudar condutas”.

“Poder falar sobre a deficiência e como enfrentá-la”.

“Interesse pelo tema deficiência”.

“Contribuir com a formação de conhecimento científico sobre a deficiência e as redes sociais”.

“Apoiar o estudo sobre a deficiência”

Quatro voluntários têm idade até 25 anos. Mais da metade deles tem idade entre 31 e 40 anos. Não houve participação de voluntários com idade superior a 45 anos. Tendo esclarecido nosso *corpus sui generis* ou um conjunto de documentos, dados, informações e páginas nas redes sociais, observadas em um período específico, e o diálogo desse *corpus* com alguns achados de pesquisa que estavam conectados a ele por meio de compartilhamentos das próprias redes observadas, passamos agora a mostrar a partir da produção das próprias PcDs.

2. O formulário de autorização para a participação da PcD de 13 anos foi preenchido e assinado pelos pais.

A diferença pertence ao indivíduo e, de novo, paradoxalmente, não é individual na medida em que é, sempre ou quase sempre, pensada na sua relação com o outro. A suposta igualdade e/ou normalidade na representação social ou na sujeição dessa representação pode ser pensada a partir de pelo menos quatro questões, segundo Deleuze (2011, p.43): a identidade no conceito, a oposição no predicado, a analogia no juízo e a semelhança na percepção. As “faces”, como Deleuze nomeia os elementos que compõem a diferença, precisariam de uma mediação para que seja possível a compreensão do que está na base do próprio conceito. A diferença, aliás, seria uma mediação em si mesma em uma articulação resumida das quatro faces - a identidade e a oposição, a analogia e a semelhança.

A primeira impressão mostraria a diferença como o mal e uma reação comum seria a necessidade de salvar quem a representa: “A diferença deve sair da caverna e parar de ser um monstro; ou pelo menos não deve subsistir como monstro que se oculta até o momento feliz, que se constitui somente um mau encontro, uma ocasião ruim” (DELEUZE, 2011, p. 45)³. A metáfora do monstro nos levaria ao enfrentamento da diferença, que pode se situar como um problema que, por assustar, está escondida. E para ser compreendida socialmente precisa se libertar de si mesma, como na caverna de Platão, em busca da fresta que conduz à luz, se contrapor à semelhança, encontrando mecanismos para subsistir além de um momento único no qual essa mesma diferença é percebida.

Assim, o dispositivo que conota a diferença é conectado a representações e, entre elas, a representação patêmica, proposta por Charaudeau (2007a). Tal representação se faz presente na narrativa de vida, que oscila entre a alegria e a melancolia. E articula os fios da meada deleuziana com os saberes de conhecimento e de crença intercalados metaforicamente na porta de Simmel (1998), como no exemplo a seguir.

3. Minha tradução livre: “*La différence doit sortir de sa caverne, et cesser d’être un monstre; ou du moins ne doit subsister comme monstre que ce qui se dérobe à l’heureux moment, ce qui constitue seulement une mauvaise rencontre, une mauvaise occasion*” (DELEUZE, 2011, p. 45).



Deficiência para mim é um elemento e um processo divisor de águas na vida de uma família, de uma comunidade. É elemento uma vez que se estabelece no meio do grupo familiar a experiência de uma forma de vida inicialmente não planejada; neste contexto, a deficiência aparece como situação problema. Uma situação problema que gera luto, incompreensão, cobranças, mas pode gerar também ao passar o processo do luto uma força motivadora para uma nova experiência. Por isso, deficiência também é processo individual e coletivo. Isso ocorre, ao meu ver, porque existe um momento da vida na relação com a pessoa com deficiência que se impõe a tentativa de resolução do que se vai fazer: esconder-se em casa e culpar o mundo, ou sair à rua e enfrentar “a vida como ela é”. Esse processo não é linear e evolutivo. Ele é caótico, há momentos que se vive a tristeza da negação da dignidade e a alegria da superação dessa negação, ou coisa que o valha. Na minha experiência privada com o João, meu filho que tem paralisia cerebral e é cadeirante, que vai completar 7 anos em setembro de 2014, entendo que ele exerce o papel de porta (ver a noção de porta e ponte no sociólogo alemão George Simmel) ora abrindo o mundo fechado da casa para o universo infinito de experiências da rua, ora fechando a porta e me permitindo formular meus pontos de identificação com esse mundo.

Carlos Wagner Jota Guedes

Figura 14: Deficiência: a porta de Simmel

Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Ao evocar o saber de conhecimento por meio da porta de Simmel⁴, o colaborador da nossa pesquisa (figura 14), no exemplo supracitado, abre uma perspectiva para um fio outro que nos diz da importância da reflexão sobre as portas e as pontes criadas em função da própria deficiência como dispositivo. Em outras palavras, as conexões do dispositivo deficiência. O conhecimento científico aliado, por meio da rede, à narrativa de vida na qual o personagem principal é uma criança cadeirante, com paralisia cerebral, que se conecta a

4. O ensaio (A) Ponte e (a) Porta, escrito por George Simmel, foi publicado em 1909 e é considerado uma das obras referenciais para o entender o seu pensamento. Ver Simmel, G. -Pont et Porte, in *Tragédie de la Culture et autres essays*, Paris, Rivages, 1988.

um sociólogo reconhecido mundialmente, por sua vez, conectado ao pai da criança em fios que têm início, mas nos quais o fim se torna algo difícil de precisar. A PcD que atravessa a porta e vai à rua protestar está no caso a seguir.



Figura 15: Deficiência: invisibilidade com sonhos
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Ganhar as ruas e se manifestar permearia o imaginário desse colaborador (figura 15), que busca minimizar a invisibilidade, a humilhação, a dependência e a mendicância, ressaltando efeitos patêmicos. A repetição das representações e a sua patemização não ofuscam, no entanto, o interesse dos sujeitos pelo enigma que envolve o eu, o outro e a própria *diferença*. Talvez seja até um fator que o estimule, afinal, perceber a diferença é perceber-se a si mesmo. “Descobrir que existe alguém diferente de si

mesmo é descobrir-se incompleto, imperfeito, inacabado” (CHARAUDEAU, 2009, p.1). O fascínio pelo outro e por esse duelo entre a perfeição e a imperfeição está presente nas relações cotidianas:

Paralelamente ao processo de atração, o de rejeição se dá porque a diferença percebida, mesmo sendo necessária, não deixa de ser, para o sujeito, uma ameaça. A diferença que percebo tornaria o outro superior a mim? Seria ele mais perfeito? Teria mais razão de ser do que eu? Eis porque a percepção da diferença vem acompanhada de um julgamento negativo. E implica a própria sobrevivência do sujeito: é como se fosse insuportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos meus sejam melhores, ou, simplesmente, existam. Quando este julgamento endurece e se generaliza, transforma-se num estereótipo, num clichê, num preconceito. O estereótipo tem principalmente uma função de proteção, constituindo uma arma de defesa contra a ameaça que o outro, pela sua diferença, representa para o eu. (CHARAUDEAU, 2009, p.1)

A atração e a rejeição descritas por Charaudeau poderiam ser percebidas nas encenações languageiras? Desmistificar a abordagem negativa da deficiência dissociando-a da doença e relacionando-a com a diferença está na representação de um dos voluntários da nossa pesquisa (figura 16), que visa confirmar a constituição de sua alteridade e das demais PcDs. A deficiência, assim como o próprio sujeito, é dotada de atributos múltiplos que desempenhariam funções variadas nas quais os desafios estão presentes.

Na representação do exemplo (figura 16), as ações de aprender, buscar, melhorar, trocar (experiência), e lutar estão associadas à força, ao sorriso e às lágrimas misturando-se aos demais componentes identitários, doses patêmicas, que conferem singularidade não só às próprias identidades, mas também às atitudes discursivas. Uma vez mais a problemática da diferença está centrada no sujeito que se confronta com dúvidas sobre si e sobre o outro em um desvelamento de imaginários que permanecem em circulação através dos anos e se mantêm como grandes dilemas humanos. A perfeição e a razão associadas a um julgamento negativo posicionariam o humano em uma condição que seria inaceitável ou insuportável em um primeiro momento. Aceitar a diferença em seus aspectos sociais, tais como valores, hábitos, normas e crenças extrapolaria, nesse primeiro

momento, a essência humana. E nessa discussão estamos nos referindo a questões sociais mais amplas e menos relacionadas ao próprio ser humano com deficiência ou ao seu corpo ou à sua mente. Ou seja, a diferença, que controversamente está perto e distante, é um grande desafio para o ser social. A deficiência como diferença se torna, então, um confrontar-se, um questionar-se, um expor-se. Retomando a problemática da identidade, gostaríamos de refletir sobre a diferença como fator determinante para a tomada de consciência do indivíduo. Esse processo se materializaria pela articulação entre quatro elementos: o corpo, o saber, o julgamento e as ações.



Figura 16: Deficiência: múltiplas definições
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

O corpo seria a presença do indivíduo no espaço e no tempo, ou seja, o estar em sociedade. O saber se traduziria no conhecimento do indivíduo sobre o mundo ao passo que nos julgamentos estão reunidas as crenças e

as convicções. As ações estariam associadas a esses elementos e o saber fazer de cada um poderia ser considerado uma realização pragmática desse conjunto. Se, por algum motivo, o corpo apresenta limites, estes se refletem nas linhas entre a “realidade”, os sonhos e o viver, como parece ser a representação do próximo caso da pesquisa (figura 17).



Figura 17: Deficiência: limitação corporal
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Se a deficiência é limitação e diferença (17) ela pode ser apenas mais um atributo identitário, conforme o próximo exemplo (figura 18) nos sugere. Seria um atributo relacionado ao físico, em uma *mise en scène* de visibilidade oscilante, que não chega a sair de cena, mas sabiamente sabe esquivar-se, como a jogar o *esconde-esconde* com os demais. E ganha contornos invisíveis, quando necessário. De alguma maneira, a deficiência é transgressiva e se deixa despir, se desejado. É também referendada pela *doxa*, afinal, o conhecimento popular permite julgamentos negativos e positivos a partir de consciências identitárias e suas alteridades.

Escolhi esta imagem para simbolizar a deficiência porque acredito ser esta apenas mais uma característica que completa a pessoa que sou. Se junto aos meus anseios, meus “looks do dia”, meus defeitos, minhas cores favoritas, minha profissão, meu apreço por gatos, meu desgosto por pêra. Não se trata de algo que eu deva ressaltar ou esconder bem. São apenas características que me distinguem dos demais. Veja só: algumas pessoas são bem altas, outras têm os olhos azuis, eu tenho displasia óssea e catarata congênita. Se você quer ver minhas deficiências é preciso reparar bem, afinal de contas, ela está lá, misturada aos vários retalhos que me fazem existir. Não sei se isso é bom ou ruim. Só sei que a vida me deu limões e, com eles, fiz uma torta.



Mariana Silva.

Figura 18: Deficiência: torta de limões
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Vemos a presença da subversão (figura 18) de um ditado popular, que associa a atitude positiva de uma pessoa que ganhou limões e conseguiu fazer uma limonada: “a vida me deu limões e, com eles, fiz uma torta”. A voluntária estabelece um contrato de autoajuda com a sociedade, baseado na visão da resiliência ou a capacidade de o indivíduo ocupar-se, com naturalidade e leveza dos problemas ao superar obstáculos.

A condição humana para cumprir com naturalidade o ciclo da vida, em todas as suas etapas, chamou a atenção de teóricos como Bakhtin, que a tratou e a abordou na perspectiva de “vida-crescimento-morte-renascimento”, como nos lembra Machado (2013, p.02):

“[...] atos do drama corporal: comer, beber, as necessidades naturais [...], o acasalamento, a gravidez, o parto, o crescimento, a

velhice, as doenças, a morte, [...] a absorção do corpo morto por outro corpo”, para chegar à conclusão de que “o começo e o fim da vida estão indissociavelmente imbricados”. (1970, p. 315-316)

Por meio de exemplos pragmáticos da vida cotidiana, uma das voluntárias da nossa investigação registra, no exemplo a seguir, algumas dessas etapas da primeira infância do filho, que tem Síndrome de Down, e as compara com outras crianças.

Karina Icasatti



Deficiência no caso do meu pequeno é não conseguir sentar sem apoio e com isso não conseguir ajoelhar, engatinhar e andar. Gabriel vai completar dois anos e ainda não consegue segurar o tronco sozinho. É ter que fazer adaptações para não ficar no colo o tempo todo. É superar a cada dia os obstáculos. É ter terapias todos os dias. É lidar com a frustração de que terá seu desenvolvimento atrasado ou limitado, é saber que o tempo dele é diferente. É não saber o que vem pela frente e quais as consequências dessa deficiência. Hoje a deficiência do Gabriel é física, é limitadora do desenvolvimento. Ainda existe a deficiência mental que vem com a síndrome de Down, mas essa ainda não percebi. Até hoje não enxerguei em meu filho uma deficiência mental ou intelectual. Ainda é pequenino e para mim como qualquer outra criança.

Figura 19: Deficiência: superação de obstáculos no ciclo de vida

Fonte: Pesquisa Estética da Diferença

Imaginários sociodiscursivos, como o registrado, estariam relacionados a um conjunto coerente de *saberes compartilhados*, como afirmamos, que vai sendo constituído, muitas vezes, inconscientemente por indivíduos de

certo grupo social ao longo dos anos e por longos períodos, estabelecendo um elo com o passado, que talvez contribua, por sua vez, por meio dos *efeitos de reconhecimento retrospectivo* (AUGÉ, 1994), para a vinculação do sujeito à história e à coletividade.

O imaginário da modernidade, por seu turno, marca e diferencia a deficiência intelectual tendo em vista a valorização da racionalidade, segundo uma das voluntárias da nossa pesquisa (figura 47).



Tatiana Cristina da Silva

Atualmente, as deficiências, de um modo geral, têm sido o foco das discussões acerca da inclusão. A deficiência intelectual, mas especificamente, compõe um desafio ao se pensar o contexto em que vivemos, no qual a “racionalidade” é a maior habilidade do homem moderno. A ciência, que avança na compreensão das deficiências, também produz estigmas que as tornam subjugadas diante de um saber padronizado. As padronizações são focadas em uma lógica, na qual, as diferenças não são valorizadas e a compreensão das mesmas é, muitas das vezes, uma maneira socialmente aceita de se excluir. De um modo geral, o preconceito e o estigma social que tutelam e infantilizam a pessoa com deficiência intelectual, nos impedem de observar os pontos que envolvem a subjetividade da pessoa com deficiência, em relação a forma como interage e convive em seu meio social. Nesse sentido, entendo a deficiência como um aspecto importante para se romper barreiras, barreiras essas que tornam nossa sociedade deficiente em vislumbrar potencialidade na diferença, que não compreende que as peculiaridades de ser é o que enriquece as relações e que nos tornam humanos.

Figura 20: Deficiência intelectual: estigma

Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

O preconceito e o estigma acompanhariam as PcDs, que se veriam diante de barreiras metafóricas no campo da exclusão (figura 20). No jogo entre semelhança e diferença a sociedade se tornaria igualmente “deficiente”, na medida em que não consegue vislumbrar a valorização das subjetividades e o enriquecimento das relações humanas. Percebe-se, no exemplo supracitado, uma ligação entre os saberes de conhecimento e as vivências - uma representação da realidade apoiada em informações e conhecimentos, mas sem dissociar-se da vida cotidiana.

A percepção e a admissão da diferença do outro contribuem para o surgimento da consciência identitária dos sujeitos. Reside aí o surgimento do *princípio da alteridade*, que está na proporcionalidade da consciência de si e da consciência do outro constituída, cada uma, nas trocas sociais e linguageiras (CHARAUDEAU, 2009). Dois princípios, sobre os quais já estamos tratando a partir dos exemplos, conectam a alteridade, a semelhança e a diferença. Para a existência dessa relação é necessário que os sujeitos compartilhem, nem que seja minimamente, motivações, finalidades e intenções. Por outro lado, os papéis desempenhados pelos sujeitos dão a eles a singularidade que diferencia, em outra escala, as mesmas motivações, finalidades e intenções. Cada um, para tomar consciência de sua existência, precisaria do outro em sua diferença. Mas, paradoxalmente, desconfiaria deste outro.

Viria da relação descrita, a necessidade de rejeição ou de semelhança, em uma tentativa de eliminar ou minimizar a diferença (CHARAUDEAU, 2009). O teórico nos alerta, ainda, para a complexidade do imbricamento entre a identidade, a semelhança e a diferença. A rejeição implicaria em não ter mais a diferença a partir da qual a identidade se constitui. A semelhança, por seu turno, minimiza a consciência identitária, pois a mesma depende da diferença para se estabelecer. Nesse jogo sutil e necessário entre os opostos - aceitação/rejeição, valorização/desvalorização - que se atraem e precisam um do outro, vai sendo criada naturalmente uma regulação social. Podemos dizer que seja um equilíbrio necessário entre os indivíduos, as identidades, as consciências identitárias e o viver em sociedade. Nesse jogo da regulação social, pode surgir uma percepção de que a deficiência é universal, como percebemos no imaginário de um dos colaboradores da nossa pesquisa.

Na medida em que este sujeito comunicativo (figura 21) universaliza essa condição, ele estaria mitigando a singularidade e reafirmando a negação da diferença em relação aos outros. O jogo entre a perfeição e a imperfeição, presente nos verbetes dos dicionários, sustenta o argumento de que a deficiência é parte de todos nós. Controversamente, os imaginários da adaptação e da superação surgem como uma necessidade diante de uma situação que desperta a ideia do inóspito, simbolizada pelo Morro Dois Irmãos, localizado em Fernando de Noronha. A sutileza da diferença e da semelhança é

materializada em uma “obra” da natureza, de difícil acesso, isolada no meio do oceano em um dos destinos turísticos mais desejados do Brasil.



Deficiência para mim é condição de todo ser humano; como não existe perfeição, não há um só ser sem deficiência. E neste contexto, deficiência sendo parte integrante de todos nós, é uma situação a ser convivida e superada. O ser humano é capaz de feitos incríveis, de se adaptar às mais inóspitas situações, portanto é possível superar toda e qualquer deficiência. Superar ou adaptar-se a uma deficiência para conseguir realizar nossos sonhos é uma tarefa que nos faz mais feliz e realizados. Tratando-se de uma deficiência grave ou complicada, a sensação é ainda melhor. A deficiência, portanto, não nos faz diferente de ninguém, nos torna ainda mais fortes e capazes.

Alessandro Fernandes

Figura 21: Deficiência: condição humana
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Para viver e se relacionar em sociedade, o sujeito falante desenvolve a sua identidade discursiva, que leva em consideração um duplo espaço de estratégias, de captação e de credibilidade. O sujeito busca respostas para dúvidas frequentes do ponto de vista da interação: como falar em determinada situação e como ser levado a sério. Assim, as atitudes discursivas vão sendo adotadas e adaptadas para dar conta de atingir os objetivos desejados ou pelo menos na tentativa de alcançá-los.

Charaudeau (2009) categorizou as atitudes discursivas em pelo menos três grandes grupos: neutralidade (o sujeito apagaria julgamentos e ava-

liações pessoais do seu discurso), distanciamento (o sujeito adotaria uma atitude controlada, um raciocínio sem paixão, típico de alguns especialistas) e engajamento (o sujeito tomaria posição na escolha de argumentos ou de palavras, o falante seria um “ser de convicção”).

As atitudes discursivas podem estar relacionadas, por sua vez, ao preconceito, que como elas, é individual e manifesta-se social e discursivamente, na medida em que o preconceituoso teria uma propensão a desenvolver o preconceito sobre diversos objetos e condições. Esse fato provocaria o deslocamento de foco da vítima para quem exerce o preconceito. Seriam reações patêmicas de origens diversas. É importante dimensionar que o estereótipo é um dos elementos constitutivos do preconceito estabelecido em práticas culturais com altas exigências de definições, padrões e resultados precisos (CROCHIK, 2006).

A diferença, pensada em uma perspectiva que contempla a deficiência, mas não só ela incluiria ainda a cor, a raça, o gênero, a idade, a diversidade sexual, as crianças adotadas, as diversas minorias ou comunidades que buscam a igualdade de direitos e o reconhecimento de suas identidades. Entendemos que a diferença é vital para a condição humana; não se trata de patologia ou problema. Com Santos (2013), a desigualdade cotidiana seria o não reconhecimento da diferença e a tentativa de atribuir-lhe valor:

É aquela oriunda das relações preconceituosas e discriminatórias que a sociedade estabelece com as diferenças. É aquela que estabelece valores diferenciados entre os seres humanos, em geral, fundamentados pelo que têm. É aquela, fruto de uma relação hierarquizada entre pessoas, que as classificam, conforme suas posses e suas forças políticas, como “valendo e merecendo mais”, ou “valendo e merecendo menos”. (SANTOS, 2013, P. 20).

Como se estabeleceria, então, a relação entre igualdade e desigualdade? E mais, entre igualdade e diferença do ponto de vista do discurso dos direitos e garantias fundamentais do indivíduo? A famosa reflexão do professor Boaventura de Souza Santos sobre igualdade e diferença nos aponta algumas pistas para instigar ainda mais a busca pela reflexão:

Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reco-

nheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 56).

O respeito à diversidade está diretamente relacionado ao exercício da cidadania, ou seja, um olhar respeitoso para a diferença permite a igualdade de direitos e a inclusão plena dos sujeitos, com a constituição e a preservação de suas identidades no ambiente educacional e na sociedade. Esse exercício se constitui e se consolida, muitas vezes, por meio do discurso da diferença e da igualdade e vice-versa, como nos mostra a enunciadora deste caso (figura 22).



Deficiência é não ter condições de exercer direitos básicos, importantes para viver com segurança e qualidade, como o direito de ir e vir, um dos mais importantes, já que é pressuposto para o exercício de outros. Nessa imagem, estou retornando para minha casa após o dia de trabalho. Em um lado da calçada há rebaixamento, mas não no outro. Assim, para poder usar a cadeira de rodas sem ajuda externa, precisei procurar um local rebaixado e, para isso, tive de rodar um trecho no asfalto, correndo risco de acidente.

Laura Martins

Figura 22: Deficiência: cidadania

Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

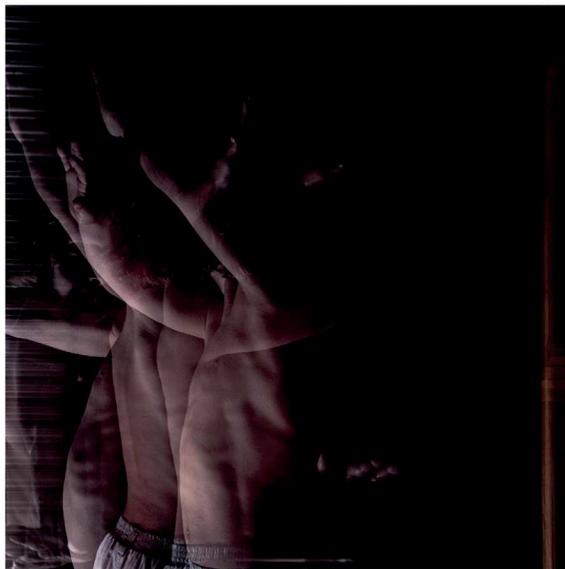
O sujeito enunciativo (figura 22), sem dúvida, demonstra, aqui, o engajamento como atitude discursiva, e reforça, com encenação da vida coti-

diana, a defesa dos seus direitos básicos. Antes de perceber a diferença do outro, nós tomamos consciência do nosso existir e do nosso lugar social, que se constituem em reflexos múltiplos e recíprocos em um espelho social individual – e, por consequência, em uma rede social. Essas imagens, a princípio, restritas a um indivíduo e às suas relações com o outro, se vêem ampliadas de um universo particular para outro bem mais amplo, a coletividade.

Para pensarmos juntos: O olhar para si mesmo e o olhar para o outro. O olhar de si e o olhar do outro. O olhar do outro sobre ele próprio. O olhar do outro sobre você. E muitos outros olhares que não somos capazes de enumerar. E ainda: A representação de si e a representação do outro. A representação do outro sobre ele próprio. A representação do outro sobre você. E muitas outras representações que não somos capazes de supor. E nessa perspectiva, as inúmeras encenações resultantes dos encontros sociais.

A partir do imbricamento desses olhares e possíveis representações os grupos sociais se sentiriam encorajados a falar e a emitir julgamentos, sempre tomando como referência a própria existência e a percepção que criamos com e a partir dos múltiplos imaginários. A descoberta da diferença ou das diferenças em si próprio provocaria em nós a desconstrução do imaginário completo, perfeito ou acabado. A nossa identidade estaria, assim, ameaçada, desencadeando o que Charaudeau (2008b) considera duplo movimento de atração e de rejeição em relação ao outro. E nós acrescentamos em direção à própria diferença. Se o olhar para o outro nos despertou para a diferença, movimentos de aproximação, de reconhecimento, de negação e de rejeição se dariam também em direção a ela, que se tornaria protagonista e antagonista da discursividade dos sujeitos e de suas práticas sociais.

A nosso ver, o imaginário da tradição sustentaria, nos dias atuais, barreiras atitudinais e físicas que impediriam as PcDs de acessar as mesmas condições das demais pessoas. Estar em uma condição diferenciada de desenvolvimento natural do ser humano é também estar em desvantagem no que diz respeito à autonomia, caso o imaginário da tradição justifique a permanência dessas barreiras ou, em outras palavras, de limitações.



Deficiência:

Limitações, de ordem física, intelectual ou dos sentidos, que impedem o desenvolvimento de atividades simples e/ou complexas.

Soraia Costa

Figura 23: Deficiência: limitações
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Se a deficiência é constituída por limitações (figura 23), ela pode estar associada também, paradoxalmente, a representações do desafio, como no próximo caso.



Geraldo Júnior

Deficiência é, sem dúvida, um desafio, principalmente, pelas limitações que ela te impõe. Por outro lado, ela também pode ajudar, entre outras áreas, como em nossa socialização. Várias vezes pedi ajuda a pessoas que não conhecia, por uma dificuldade de acesso, por exemplo, e quando percebi, já estávamos descobrindo afinidades e, às, vezes, até começando uma amizade.

Figura 24: Deficiência: desafio e ajuda
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Para esse colaborador da nossa pesquisa (figura 24), a deficiência se apresenta como desafio por impor limitações e, ao mesmo tempo, uma ajuda para a socialização. Aliás, um pedido de ajuda contribuiria para despertar a semelhança e promover simultaneamente o apagamento da diferença nas relações sociais.

E se, para acessar esse mundo social, no qual circulam semelhança e diferença, é necessário ter imaginação; transgride-se a realidade. Essa parece ser a representação de uma das colaboradoras da pesquisa, que se apresenta sob a máscara de um personagem, uma boneca.



A deficiência para mim é estar em uma condição diferente do desenvolvimento natural do ser humano. Tenho algumas limitações, no meu caso, apenas físicas, porém o meu espírito de transformação aliado ao apoio e incentivo dos meus pais e dos profissionais por onde frequentei, estimularam e me motivaram a buscar o meu melhor. O ambiente físico e a sociedade ainda são determinantes para permitirem a minha total autonomia. Na minha trajetória percebo que as minhas limitações ficam mais ou menos evidentes dependendo das diversas acessibilidades, mas o que não consigo fazer "na realidade" faço na minha imaginação.

Tina descolada (personagem fictícia, agente de inclusão idealizada por Marta Alencar) tem 18anos, sequela de Paralisia Cerebral - Disfunção Neuromotora compatível com o quadro de Quadriparesia espástica, intelectual preservado.

Figura 25: Deficiência: condição diferente

Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Sob o avatar de Valentina ou Tina Descolada (figura 25), uma profissional especializada em psicomotricidade relacional e educação infantil discute inclusão a partir das representações de realidade e de imaginação. Valentina é uma jovem cadeirante descolada, que vive de bem com a vida. Gosta de passear e às vezes frequenta lugares inesperados, até por pessoas que não possuem uma mobilidade reduzida. Quando encontra barreira internas e externas, Tina não se inibe em pedir ajuda de uma “mão amiga” para superá-las. Ao mesmo tempo, estimula pessoas com deficiência a fazer valer o direito a um mundo acessível, de acordo com o conceito de Desenho Universal. Seu lema: Rodas pra que te quero? Vamos desvendar aos poucos

a história dessa jovem? Nota: A personagem Tina descolada foi criada a partir da boneca “Share a Smile Becky” do fabricante Mattel, com o objetivo de colaborar com o processo de inclusão social.

No imaginário da modernidade, o segundo apontado por Charaudeau, identifica-se a maneira como um grupo percebe o instante presente e, no geral, apresenta valor positivo em relação às representações do passado. Importante lembrar que Charaudeau não usa modernidade como época da história da Europa que se opõe à Antiguidade nem como o sentido da Revolução Francesa com a queda da soberania monárquica e ascensão de populares. Também não se aplica o sentido de desenvolvimento industrial (CHARAUDEAU, 2011).

A sociedade seria responsável por ela mesma. Evidencia-se o discurso da regulação controlada: dominantes (produtores de riqueza) e dominados (executantes ou explorados) na lógica econômica. A tecnologia é um dos componentes de um discurso cuja representação social evoca a técnica a partir de uma abordagem valorativa. Se exagerada a Modernidade pode ter desvios como o economicismo e o tecnologicismo. Já no imaginário da soberania popular, tem lugar o desenvolvimento do mito da democracia em um mundo atual ou em construção no qual o povo é responsável pelo seu bem-estar. O povo seria uma entidade abstrata da razão, como se houvesse uma opinião consensual coletiva, fruto de uma deliberação nos mesmos moldes. São comuns os discursos de direito à identidade (o *eu* individual versus o *eu* coletivo: grupos sociais coexistem com outros em suas relações de inferioridade ou de superioridade), igualitarismo (apagamento de certas diferenças entre indivíduos que vivem em uma comunidade no que diz respeito à identidade e à possível ação em relação às instâncias que os governam), e solidariedade (necessidade de trabalhar para promover a igualdade cidadã).

O direito à identidade e à singularidade, bem como os atributos de cada um, compõem o conjunto de fios do dispositivo deficiência de uma das colaboradoras da nossa pesquisa, no exemplo a seguir. Apoiada em uma definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma fonte especializada que detém autoridade e credibilidade sobre o assunto, a voluntária reúne a esse saber de conhecimento traços do imaginário da soberania.



Ana Flavia Jacques
Mãe da Maria Fernanda,
1 ano e 11 meses, que tem
síndrome de Down.

Segundo a OMS, deficiência é o termo comumente usado para definir a ausência de alguma estrutura no corpo, seja intelectual ou física. Contudo, a condição de uma pessoa não pode (e não deve) representar a pessoa e vir antes de sua própria imagem. Cada ser é único. Se alguém possui uma deficiência esta é apenas mais uma das diversas características que a pessoa tem. O papel de nós pais é preparar o filho para o mundo, e no caso de se ter filhos com deficiência o papel é muito maior: preparar o mundo para eles! Informar, atualizar, divulgar, lutar, quebrar paradigmas. Não, não é fácil, mas é extremamente prazeroso!
“Filha, sempre estaremos ao seu lado para estender-lhe a mão quando precisar, a guiando pelos caminhos de luz e auxiliando-a pelo terrenos mais acidentados”.

Figura 26: Deficiência: singularidade e atributos
Fonte: Pesquisa Estética da Diferença (PESSOA, 2015)

Percebemos, neste caso (figura 26), o apagamento das diferenças, como nos enunciados a seguir: “Cada ser é único. Se alguém possui uma deficiência essa é apenas mais uma das diversas características que a pessoa tem”. Além desse apagamento, percebe-se a convicção de que o povo é responsável pelo seu próprio bem-estar e o ideal da solidariedade a partir do qual se trabalha para promover a igualdade cidadã, como no enunciado: “O papel de nós pais é preparar o filho para o mundo, e no caso de se ter filhos com deficiência o papel é muito maior: preparar o mundo para eles!”.

Esses três grandes grupos de imaginários, tradição, modernidade e soberania, associados a diversas outras categorias da vida cotidiana, dão origem a outros imaginários de grupos ou comunidades específicas, que são projetados em uma diversidade de encenações.

■ Considerações finais

GOSTARÍAMOS DE COMPARTILHAR com o leitor algumas constatações que foram evidenciadas durante a investigação e a partir das quais acreditamos ser possível refletir sobre os imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência. Lembramos, porém, que os imaginários projetados e por nós interpretados tanto nas RSDs quanto na produção dos voluntários não devem ser compreendidos como representativos das PcDs como um todo por vários motivos.

O primeiro deles diz respeito ao fato de toda a pesquisa qualitativa ter sido realizada a partir de abordagem etnográfica com coleta de dados manual, o que nos dá uma pequena amostra em um universo amplo como as RSDs. Outro fator reside na opção por pessoas comuns, isto é, que não ocupam cargos em entidades ou instituições que representam as PcDs. E um terceiro ponto que gostaríamos de salientar é que o conteúdo aqui analisado é tomado como *mise en scène* pessoal de cada participante manifestada em local, data e contexto específicos, e analisada a partir de possíveis interpretativos de uma pesquisadora. Se ressaltamos os aspectos singulares de cada produção não podemos, entretanto, esquivar-nos de

considerá-los como manifestações que denotam um exercício individual de cada um em conexão com outros fatores sociais.

No que tange aos aspectos metodológicos gostaríamos de ressaltar a importância de um mergulho nas comunidades diferentes dos dispositivos que se pretende estudar. A metodologia de inspiração etnográfica se apresenta como uma opção de observação detalhada a partir da qual levantamos informações e movimentos além do discurso que nos apoiam na análise semiolinguística.

Por fim, se em épocas passadas as pessoas com deficiência precisavam se ocultar e se manter no anonimato para não “perturbar” os demais, as redes sociais digitais possibilitam a elas o extremo oposto: projetar seus imaginários sociais por meio da encenação da própria deficiência. Algumas encenações nos remetem à desmistificação da deficiência não aceita e não mostrada, aquela que faria parte de um passado com o qual já se rompeu não estando mais conectado ao presente. Outras, no entanto, nos conduzem aos estereótipos. Essa tensão impõe às próprias PcDs mais um desafio: encenações languageiras que enfrentem essas controvérsias e encontrem um equilíbrio saudável em prol da luta que pretendem levar adiante.

■ Referências

- AMARAL, L. A. *Conhecendo a deficiência em companhia de Hércules*. São Paulo: Robe, 1995.
- AMOSSY, R. Doxa. In: CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- AMOSSY, R. (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.
- AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2010.
- ANDRADE, G. C. *Corpografia em dança: da experiência do corpo sensível entre a informação e a gestualidade*. 2013. 324p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2013.
- ARTHUIS, M. Handicap. In: MARZANO, M. (org). *Dictionnaire du corpus*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.
- AUGÉ, M. *Pour une anthropologie des mondes contemporains*. Paris: Flammarion: 1994.

- BARATS, C; LEBLANC, J-M; FIALA, P. *Approches textométriques du web: corpus et outils*. In: BARATS, C (org). *Manuel D'Analyse du Web*. Paris: Armand Colin, 2013.
- BARNES, C. *Disabling imagery and the media: an exploration of the principles for media representations of disabled people*. Halifax: The British Council of Organizations of Disabled People and Ryburn Publishing, 1992.
- Bíblia sagrada*. Tradução de STORNILOLO, I. BALANCIN, E. M.; GONZAGA DO
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v.
- CAMERON, C. *Whose problem? Disability narratives and available identities*. *Community Development Journal*, Oxford, v. 42, n. 4, p. 501-511, 2007.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hacette Education, 1992.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARAUDEAU, P. *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux*. In Boyer H. (dir.). *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007. Consultado em 10 février 2015. <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les.html>.
- CHARAUDEAU, P. *A patemização na televisão como estratégia de autenticidade*. In Mendes E.; Machado I.L. (org.). *As emoções no discurso*. Campinas (SP): Mercado Letras, 2007.
- CHARAUDEAU, P. *Contrato de comunicação*. In: Charaudeau, P., Mainueneau, D., coordenação da tradução Fabiana Komesu. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 130-133.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

- CHARAUDEAU, P. *Petit traité de politique à l'usage du citoyen*. Paris: Librairie Vuibert, 2008.
- CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.
- CHARAUDEAU, P. Dis-moi quel est ton corpus, je te dirai quelle est ta problématique. In: *Revue Corpus*, Nice, 2009. Consultado em 29 de fevereiro de 2012. <http://www.patrick-charaudeau.com/Dis-moi-quel-est-ton-corpus-je-te...html>.
- CHARAUDEAU, P. Pour une interdisciplinarité focalisée dans les sciences humaines et sociales. *Questions de Communication*, 2010. Consultado em 5 de abril 2013. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pour-une-interdisciplinarite.html>.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHARAUDEAU, P. Pour une interdisciplinarité focalisée. Réponses aux réactions. *Revue Questions de communication*, n°21, 2012. Consultado em 2 de fevereiro de 2015. URL: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pour-une-interdisciplinarite,283.html>.
- CHARAUDEAU, P. Le chercheur et l'engagement. Une affaire de contrat. Em: *Analyses du discours et engagement du chercheur, revue en ligne Argumentation et Analyse du Discours*, 2013. Consultado em 7 de janeiro de 2015. URL:<http://www.patrick-charaudeau.com/Le-chercheur-et-l-engagement-Une,308.html>
- CHARAUDEAU, P. Histoire d'un emprunt. Histoire d'une coïncidence Un hommage à Jean Peytard. *Monde Synergies*. Actes du Colloque Miroir. Un hommage à Jean Peytard – Précurseur de l'analyse de discours et de la didactique des langues. *Revue du Gerflint*. N.10. p.43-50, 2013.
- CROCHIK, J. L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- DELEUZE, G. *Différence et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- FIGUEIREDO, I. V. *Imaginários sociodiscursivos sobre a surdez: análise contrastiva de discursos do Jornal Visual a partir da produção e da recepção*. 373p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013.
- FLICHY, P. *L'imaginaire de l'Internet*. Paris: La Découverte, 2001.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4a. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- GOFFMAN, E. *Stigmate: les usages sociaux des handicaps*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1975.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- JOUET, J; CAROFF, C. L'observation ethnographique en ligne. Em: BARATS, C. *Manuel D'Analyse du Web*. Paris: Armand Colin, 2013.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe. siècle? Em PLANTIN, C., DOURY, M., TRAVERSO, V. (eds.), *Les émotions dans les interactions*, Lyon, PU de Lyon. p. 33-74, 2000.
- KOZINETS, R.V. *Netnography. Doing ethnographic research online*. York: Sage Publications, 2010.
- LEVI-STRAUSS, C. (1989). *Pensamento Selvagem*. (Tradução Tânia Pellegrini) Campinas: Papirus Editora, 1989.
- MACHADO, I. L. Percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos. *I Jornada de Estudos (Auto) Biográficos e de narrativas de vida: a escrita de si e do outro*, São João Del Rey, 21 de agosto de 2013.
- MACHADO, I. L. A 'narrativa de si' e a ironia: um estudo de caso à luz da Análise do Discurso. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 01-16, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).

- MACHADO, I. L.; MENDES, E. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 13, p. 36-56, 2013.
- MAINGUENEAU, D. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Éditions du Seuil, 2009.
- MAINGUENEAU, D. Genres de discours et web: existe-t-il des genres web? Em: BARATS, C. *Manuel D'Analyse du Web*. Paris: Armand Colin, 2013.
- MARCÍLIO, M. L. *História Social da Criança Abandonada*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.
- MENDES, E. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 267 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- MERCER, G. Emancipatory Disability Research. Em: Barnes, C., Oliver, M., e Barton, L. (orgs.). *Disability Studies Today*. Cambridge: Polity Press, p. 228-249, 2002.
- NELSON, A. The invisible cultural group: images of disability. In: LESTER, P.; ROSS, S. (Ed.). *Images that injure: pictorial stereotypes in the media*. Westport: Praeger Publishers. p. 176-192, 2003.
- OLIVER, M. Emancipatory Research: Realistic Goal or Impossible Dream? Em: Barnes, C. e Mercer, G. (orgs.). *Doing Disability Research*, Leeds: The Disability Press, p. 15-31, 1997.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto (Portugal): Porto Editora, 2013.
- PESSOA, S. C. A marcha nas ruas e o movimento nas redes: Autocomunicação de massa e mise en scène In: Silva, Regina Helena Alves (org). *Ruas e redes: dinâmicas dos protestos*br. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- PINTO, L. M. S. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Lisboa: Typographia de Silva, 1832.
- PLANTIN, C. La construction rhétorique des émotions. Em: Rigotti, E. (éd), *Rethoric and Argumentation* (Proceedings of the IADA International Conference, Lugano), Tübingen, Niemeyer, p. 203-219, 1999.

- PLATÃO. *La Republica, o de la Justicia*. In: *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1972.
- SANTOS, B. de S. *Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SANTOS, M. P. *Práticas de inclusão em educação para professores*, 2013. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/37442573/Monica-Pereira-dos-Santos-Praticas-de-Inclusao-em-Educacao>. Acesso em 21.05.2013.
- SANTOS, M.P. *Inclusão, diversidade e desigualdade no ensino superior*. Em: SANTOS, M.P.; SILVA, A. P. da.; FONSECA, M.P. de S. da. *Universidade e participação: Reflexões*. Petrópolis (Rio de Janeiro): Lapeade, 2013.
- SILVA, A. M. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- TRAVERS, J. ; MILGRAM, S. *Une étude expérimentale du petit monde*. Em: MENDRAS H.; OBERTI, M. (dir.), *Le Sociologue et son terrain*. Trente recherches exemplaires. Paris: Armand Colin, p. 230-241, 2000.
- VION, R. *La communication Verbale. Analyse des interactions*. Paris: Hachette Supérieur, 1992.
- VIZER, E.A. *A trama (in) da vida social : comunicação sentido e realidade*. Porto Alegre: Sulina, 2011.



PPGCOM • UFMG

SÔNIA CALDAS PESSOA

é professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG. É doutora em Estudos Linguísticos (Poslin/UFMG), com estágio na Université Paris Est-Créteil/Le Céditec (Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communication (Paris, França). É uma das fundadoras e coordenadoras do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades. É idealizadora e coordenadora da Rádio Terceiro Andar. É idealizadora do blog Tudo Bem Ser Diferente sobre educação inclusiva. O blog nasceu das vivências com o filho Pedro, que tinha hidrocefalia e morreu em janeiro de 2016.

Esta coleção reúne teses de doutorado defendidas no PPGCOM-UFMG e que foram selecionadas para publicação porque receberam algum tipo de premiação ou foram avaliadas como relevantes e inovadoras por pareceristas do selo editorial. O objetivo é tornar amplamente acessíveis pesquisas de grande fôlego, realizadas a longo prazo e de reconhecido mérito social, científico e cultural.